



ARAUTOS DO EVANGELHO

Número 207
Agosto 2020

Diretor: Manuel de Abreu / Periodicidade mensal / Assinatura: 24€



Soberana do Universo

Flashes
de Fátima





Vencidos pela força de Santa Clara

Os invasores da cidade, gente de má índole, sedentos de sangue cristão e capazes dos mais nefandos crimes, caíram sobre São Damião, invadindo o terreno do mosteiro e penetrando mesmo no claustro das irmãs.

Completamente atemorizadas, a voz embarçada pelo medo, as pobres senhoras acolheram-se chorosas à proteção da mãe. Ela, que jazia enferma, permaneceu serena. Pediu que a conduzissem à porta e que a pusessem em frente do inimigo, precedida do cibório de prata contendo o Corpo do Santo dos Santos.

Depois, prostrada de bruços em oração ao Senhor, entre lágrimas falou ao seu Cristo: “Vais permitir, meu Senhor, que sejam entregues às mãos do inimigo estas tuas filhas indefesas, que no teu amor criei? Eu te peço, Senhor, protege estas tuas servas, uma vez que eu não estou em condições de as poder defender”. [...] E, de repente, o atrevimento audaz daqueles cães transformou-se em pavor e trataram de fugir precipitadamente pelos muros que tinham escalado, vencidos pela força da oração.

TOMÁS DE CELANO. *Legenda de Santa Clara*, n.21-22



Flashes de Fátima

Boletim da Campanha
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano XXII n.º 207 - Agosto 2020

Director:

Manuel Silvío de Abreu Almeida

Conselho de redacção:

Ir. Guy Gabriel de Ridder, EP;
Ir. Juliane Vasconcelos A. Campos, EP;
Severiano Antonio de Oliveira

Proprietário e Editor:

Associação dos Custódios de Maria
NIPC: 501141812

Sede do Editor/Sede da Redacção:

Av. de Berna 30, 2.º E
1050-042 Lisboa
N.º ERC. 120.975

Dep. Legal n.º 112719/97

Periodicidade mensal

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.pt / www.arautos.org

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Estatuto Editorial disponível em
<http://custodiosdemaria.pt/flashedefatima/estatuto.pdf>

Assinatura anual: 24 euros

Impressão e acabamento:

Multiponto, S.A.
Rua da Fábrica, 260
4585-013 Baltar - Paredes

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos, desde que se indique a fonte e se envie cópia à Redacção. O conteúdo das matérias assinadas é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de
Inspiração Cristã

Tiragem: 30.000 exemplares

SUMÁRIO

À espera de uma nova luz (Editorial) 5



A voz dos Papas –
Importância da instrução
religiosa

6



Comentário ao Evangelho –
Cinco pães, dois peixes,
mais Jesus...

8



O fato mais glorioso
da História, depois da
Ascensão

16



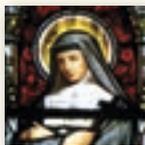
Como será o Reino de
Maria?

18



Rainha dos últimos tempos

22



Santa Joana de Chantal -
Um coração apaixonado,
sustentáculo da
Santa Igreja

26



Modelo de confiança
heroica!

30



Beleza e fé no Brasil: entre o
passado e o presente

33



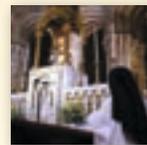
Luzes da intercessão de
Dona Lucília – "Brilhe sua
luz diante dos homens"

36



Arautos no mundo

40



Aconteceu na Igreja e
no mundo

44



História para crianças...
O burrinho empacado

46



Os Santos de
cada dia

48



Celeste sinfonia,
admiração angélica

50



Revista Arautos do Evangelho online

Tenha acesso ao conteúdo
da revista diretamente
de seu celular.

Acesse: revistacatolica.pt



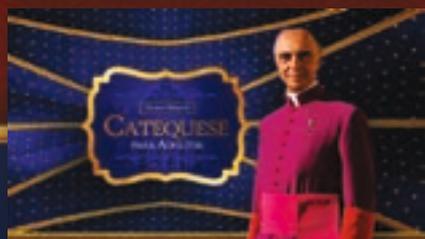
RECONQUISTA

FORMAÇÃO CATÓLICA

“O conhecimento e a Fé
são duas asas que nos
conduzem à santidade”

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP
Fundador dos Arautos do Evangelho

Foi por isso que os **Arautos do Evangelho**
prepararam para você e sua família
a plataforma de Cursos Online **Reconquista**.



Novos cursos a cada mês,
e os **primeiros já estão disponíveis:**

- ✓ Matrimônio católico
- ✓ Catequese para adultos
- ✓ Latim litúrgico
- ✓ Consagração a Nossa Senhora
- ✓ O caminho para a santidade
- ✓ Seja íntimo de Nossa Senhora



**Acesse já
e inscreva-se**

WWW.RECONQUISTA.ARAUTOS.ORG



À ESPERA DE UMA NOVA LUZ

De modos diversos os homens louvam a memória de quem marcou o passado: dedicam-lhe escolas, ruas ou monumentos, escrevem obras a seu respeito... Entretanto, de que vale toda a glória do mundo em face de um elogio de Deus? Sobre João Batista, por exemplo, Jesus afirmou que ninguém foi maior do que ele, “entre os nascidos de mulher” (Lc 7, 28)!

Ora, como o Altíssimo engrandece alguém destinado a marcar o futuro? Revelando algo sobre ele que marque todos os espíritos. Assim fez o Padre Eterno com seu Unigênito, por meio de uma voz vinda do Céu: “Eis o meu Filho muito amado, escutai-O!” (Mc 9, 7). Esta forma de louvor só Deus pode dar.

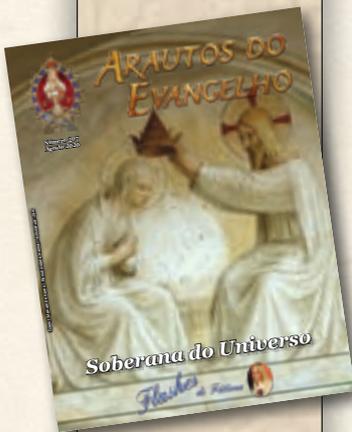
É comum, entre os autores sacros, relacionar eras históricas às Pessoas da Santíssima Trindade: associa-se o Antigo Testamento ao Pai, o Novo Testamento ao Filho, e um período futuro, de especial glorificação de Deus e de Maria, ao Espírito Santo.

O início de cada uma dessas eras está marcado por uma revelação. Assim, no Antigo Testamento, Deus Se manifestou como Causa Primeira e Último Fim, Autor único de todas as coisas, Pai pródigo, justo e misericordioso. Para inaugurar o Novo Testamento, o próprio Filho Se deu a conhecer ao mundo enquanto Salvador, Redentor e Mediador. E é opinião corrente entre os teólogos que o Reino do Espírito Santo se abrirá com uma nova explicitação, uma nova luz a respeito do “Grande Desconhecido”, a qual, embora contida na Revelação, permanece oculta sob os véus do mistério e por isso nunca foi verdadeiramente compreendida pelos homens até hoje. Tal luz deverá marcar os séculos futuros e mudar o curso da História, a ponto de resultar na fundação de uma nova civilização.

Ora, sendo o Espírito Santo o Divino Esposo de Maria Santíssima, e dada a altíssima perfeição do vínculo existente entre ambos, não se compreende que Ele seja glorificado sem promover a glorificação da Esposa. É de se esperar, portanto, que as maravilhas operadas pela graça com vistas à instauração do Reino de Maria tenham como elemento central a exaltação de Nossa Senhora, de uma forma como jamais homem algum pôde imaginar.

Por outro lado, Deus costuma intervir nas horas em que tudo parece perdido, atendendo às súplicas daqueles que, em meio às mais dilacerantes provas, negam-se a trair suas esperanças. Não importa se são poucos e fracos, desde que sejam fiéis: quanto pior tiver sido a prova, tanto maior será a glorificação posterior, pois o Senhor Se aproveita das próprias insídias do demônio para vencê-lo e humilhá-lo ainda mais.

Assim, a exaltação de Maria preparada por Deus será uma vingança tanto mais humilhante quanto grande sempre se manifestou o ódio de Satanás em relação a Ela. O Onipotente nunca deixa nada impune e Se vinga do mal feito aos seus. ✧



Coroação de Nossa Senhora - Museu de São Marcos, Florença (Itália)

Foto: Gustavo Kraij



Importância da instrução religiosa

A doutrina cristã nos manifesta Deus e suas infinitas perfeições muito mais profundamente do que podem fazê-lo as faculdades naturais. Só ela revela ao homem sua verdadeira e elevada dignidade de filho do Pai celestial.

E screveu acertadamente nosso predecessor Bento XIV: “Afirmamos que a maior parte dos condenados às penas eternas deve esta irreparável desgraça à ignorância dos mistérios da Fé, que precisamos conhecer e crer para sermos contados entre os eleitos”.¹

Sendo assim, veneráveis irmãos, perguntamos: o que há de surpreendente no fato de a corrupção dos costumes e sua depravação serem tão grandes e crescerem diariamente, não só nas nações bárbaras, mas também nos próprios povos que se denominam cristãos? [...]

Ela nos manda honrar a Deus e amar-nos como irmãos

Disse o santo rei Davi, glorificando a Deus por essa luz da verdade por Ele infundida na razão humana: “Impressa está em nós, Senhor, a luz de vossa face” (Sl 4, 7). E acrescentou, para assinalar o efeito dessa comunicação da luz: “Infundistes alegria em meu coração” (Sl 4, 7), aquela alegria que, dilatando nosso coração, nos faz correr na senda dos divinos Mandamentos.

Descobre-se facilmente que isso é assim, pois a doutrina cristã nos manifesta Deus e suas infinitas perfeições muito mais profundamente do

que podem fazê-lo as faculdades naturais. Ao mesmo tempo, manda-nos ela honrar a Deus por obrigação de Fé, que se refere à razão; por dever de esperança, concernente à vontade; e por dever de caridade, relativo ao coração; deste modo, ela submete o homem todo a Deus, seu Criador e Mestre.

Outrossim, só a doutrina de Jesus Cristo revela ao homem sua verdadeira e elevada dignidade de filho do Pai celestial, que o fez à sua imagem e semelhança, para viver eternamente feliz com Ele. Dessa mesma dignidade e do conhecimento que dela se deve ter, infere Cristo que os homens devem amar-se uns aos outros como irmãos e viver como convém aos filhos da luz: “Não em orgias e bebedeiras; não em desonestidades

e dissoluções, não em contendas nem em invejas” (Rom 13, 13).

Por ela, a vontade concebe aquele ardor que nos une a Deus

Preceitua também que nos ponhamos nas mãos de Deus, pois Ele cuida de nós, socorramos o pobre, façamos o bem a nossos inimigos e prefiramos os interesses eternos da alma aos bens perecíveis do mundo. E, sem entrar em pormenores, não é a doutrina de Cristo que recomenda e prescreve ao homem soberbo a humildade, origem da verdadeira glória? “Quem se fizer humilde como esta criança será o maior no Reino dos Céus” (Mt 18, 4).

Esta celestial doutrina nos ensina a prudência do espírito para nos prevenir contra a prudência da carne; a justiça para dar a cada qual o que lhe é devido; a fortaleza que nos dispõe a sofrer generosamente tudo por Deus e pela eterna felicidade; por fim, a temperança que nos leva a gostar da pobreza por amor a Deus e até a nos gloriarmos na Cruz, em meio às humilhações.

Logo, graças à sabedoria cristã, não só a inteligência recebe a luz que nos permite alcançar a verdade, mas também a própria vontade concebe aquele ardor que nos conduz a Deus e nos une a Ele pela prática da virtude. [...]

*Graças à
sabedoria cristã,
a vontade concebe
aquele ardor que
nos conduz
a Deus e nos
une a Ele*

Vícios que grassam também entre homens de categoria superior

Para inflamar de zelo os ministros do Senhor, convém repetir: aumenta cada dia mais o número já enorme daqueles que ignoram tudo em matéria de religião ou têm um conhecimento tão insuficiente de Deus e da Fé cristã que acabam vivendo como pagãos em plena luz da verdade católica. Ah! quão grande é o número, não de crianças, mas de adultos e até de anciãos que ignoram absolutamente os principais mistérios da Fé e que, ao ouvir o nome de Cristo perguntam: “Quem é Ele... para que eu creia n’Ele?” (Jo 9, 36).

Daí decorre que esses não julgam ilícito suscitar e insuflar ódios contra o próximo, fazer contratos iníquos, explorar negócios infames, emprestar a juros extorsivos e cometer outros delitos semelhantes. Ademais, ignorando a Lei de Cristo – a qual proíbe não só as ações torpes, mas também o pensamento voluntário e o desejo de praticá-las – muitos há que, por diversas razões, se abstêm de atos vergonhosos, mas, carentes de princípios religiosos, alimentam suas almas com os mais perversos pensamentos, tornando o número de suas iniquidades maior que o dos cabelos de sua cabeça.

Tais vícios, digamos mais uma vez, não grassam apenas entre a gente pobre do campo e das classes sociais baixas, mas também, talvez mais amiúde, entre homens de categoria superior, inclusive aqueles que se orgulham de sua cultura e, apoiados numa vã erudição, pretendem zombar da Religião e blasfemar de tudo quanto não conhecem (cf. Ju 1, 10). [...]

A Fé precisa do ensinamento da Igreja para crescer

Inútil seria alegar, como escusa, que a Fé nos é dada gratuitamente no Batismo, pois, sem dúvida, todos os batizados em Jesus Cristo foram



São Pio X - Igreja de Santa Maria de Guadalupe (México)

Cuidai esmeradamente que o conhecimento da doutrina cristã penetre por inteiro a mente e o coração de todos

enriquecidos com a Fé infusa, mas esta divina semente não cresce e lança grandes ramos se for abandonada a si mesma, como por virtude inata. Desde seu nascimento, tem o homem a faculdade de entender, mas esta, como se costuma dizer, necessita da palavra materna para se converter em ato.

Também o homem cristão, renascido na água do Espírito Santo, tem

a Fé como em germe, mas esta precisa do ensinamento da Igreja para nutrir-se, crescer e frutificar. Por isto escreveu o Apóstolo: “A Fé provém da pregação e a pregação se exerce pela palavra de Cristo”; e para mostrar a necessidade do ensinamento, acrescentou: “Como ouvirão falar, se não houver um pregador?” (cf. Rm 10, 14-17).

Pelo acima exposto pode-se avaliar a importância de dar ao povo instrução religiosa. Devemos, pois, fazer todo o possível para que o ensinamento da doutrina cristã – a mais útil instituição para a glória de Deus e a salvação das almas, conforme disse nosso predecessor Bento XIV – se mantenha sempre florescente ou se restaure onde tenha sido negligenciado. [...]

Seja-nos permitido, veneráveis irmãos, dizer-vos no final desta carta o que disse Moisés: “Quem é do Senhor, junte-se a mim” (Ex 32, 26). Nós vos rogamos e pedimos: considere quão grandes estragos produz nas almas a simples ignorância das coisas divinas.

Talvez já tenhais estabelecido em vossas dioceses muitas obras úteis e dignas de louvor, para bem de vosso rebanho. Entretanto, de preferência a todas elas, e com todo empenho, afã e constância que vos sejam possíveis, cuidai esmeradamente que o conhecimento da doutrina cristã penetre por inteiro a mente e o coração de todos. Repetimos com o Apóstolo São Pedro: “Como bons dispensadores das diversas graças de Deus, cada um de vós ponha à disposição dos outros o dom que recebeu” (I Pe 4, 10). ✧

*Excertos de: SÃO PIO X.
Acerbo nimis, 15/4/1905 –
Tradução: Arautos do Evangelho*

¹ BENTO XIV. *Instit.* 27, 18.

A multiplicação dos pães e dos peixes – Les très riches heures du Duc de Berry



✠ EVANGELHO ✠

Naquele tempo, ¹³ quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu e foi de barco para um lugar deserto e afastado. Mas, quando as multidões souberam disso,

saíram das cidades e O seguiram a pé.

¹⁴ Ao sair do barco, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-Se de compaixão por eles e curou os que estavam

doentes. ¹⁵ Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoa-

Cinco pães, dois peixes, mais Jesus...

Ao realizar o milagre da multiplicação dos pães, Jesus tinha em vista não só alimentar aquela grande multidão, mas também – finalidade muito mais elevada – preparar as almas para aceitarem a Eucaristia.



Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

I – A COMPAIXÃO DO HOMEM-DEUS

Ao tratar dos atributos divinos costumamos utilizar uma linguagem com a qual “humanizamos” a ideia de Deus, de modo a facilitar nossa compreensão. Por isso, é habitual que Deus seja apresentado manifestando sua cólera ou misericórdia, quando na realidade Ele não apenas *possui* as virtudes, mas *é* cada uma delas. Assim, Deus não só é bom, como é a Bondade e, sucessivamente, a essência de todas as virtudes. Neste sentido, para entendermos que Deus é a Bondade não basta uma noção teórica, é indispen-

sável experimentar a sua ação na alma, conforme nos aconselha o salmista: “*Gustate et videte quoniam suavis est Dominus* – Provai e vede quão suave é o Senhor” (Sl 33, 9). Como veremos, o Evangelho e as demais leituras do 18º Domingo do Tempo Comum preparam os fiéis a se abrirem para a contemplação dessa Bondade infinita que é Deus.

Jesus-Homem Se compraz em rezar a Deus

Naquele tempo, ^{13a} quando soube da morte de João Batista, Jesus partiu e

Deus não só é bom: é a própria Bondade

dos comprar comida!” ¹⁶ Jesus, porém, lhes disse: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!” ¹⁷ Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. ¹⁸ Jesus disse: “Trazei-os aqui”.

¹⁹ Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Então pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu e pronunciou a bênção. Em seguida, partiu os pães e os deu aos discípulos. Os discípulos os distribuíram às multidões.

²⁰ Todos comeram e ficaram satisfeitos, e dos pedaços que sobraram, recolheram ainda doze cestos cheios. ²¹ E os que haviam comido eram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças. (Mt 14, 13-21)

foi de barco para um lugar deserto e afastado.

Após a morte do Precursor, Jesus Se dirigiu a uma região situada fora da jurisdição de Herodes – que começava a se sentir incomodado com a atuação d’Ele e poderia vir a persegui-Lo também (cf. Mt 14, 1-2; Mc 6, 14-16; Lc 9, 7-9) –, não por temê-lo, mas porque “ainda não era chegada sua hora” (Jo 7, 30). Movia-O também o desejo de recolher-Se com seus discípulos para algumas horas de oração, terminada a primeira missão evangelizadora que lhes confiara (cf. Mc 6, 7.30-32). Em relação aos Apóstolos, bem se explica a conveniência ou até a necessidade de um retiro depois de um período de intensa atuação. No tocante ao Divino Redentor, porém, essa decisão surpreende, pois Ele é Deus. Acaso iria rezar a Si mesmo? Precisaria dedicar parte de seu tempo à oração? Sim, pois é também Homem. E Jesus, com sua inteligência, vontade e sensibilidade humana, reza a Si mesmo enquanto Deus; em sua humanidade, recorre à sua divindade. Há nisto um mistério que excede os nossos horizontes. Mostra-nos Ele, assim, o extraordinário valor da oração para obter favores do Céu, como, por exemplo, o de proporcionar àquelas multi-

dões mais graças para que elas O compreendessem melhor.

Esquecido de Si, Cristo Se preocupava com os outros

^{13b} Mas, quando as multidões souberam disso, saíram das cidades e O seguiram a pé.
¹⁴ Ao sair do barco, Jesus viu uma grande multidão. Encheu-Se de compaixão por eles e curou os que estavam doentes.

Tomadas de admiração pela verdade, bondade e beleza que emanavam do Mestre, as pessoas O seguiam sem preocupações triviais, motivadas pelo anseio de conviver com Ele, de ouvir seus ensinamentos e presenciar seus milagres. Recebiam inefáveis graças de consolação e de fervor, de modo que não mediam distâncias nem sacrifícios. Nessa ocasião, deslocaram-se apressadamente a pé, pelas margens do Mar da Galileia, enquanto Jesus fazia o percurso em um barco para poder Se isolar algum tanto.

Não é difícil imaginar a cena: quando Se dispunha a sair da embarcação, prestes a entrar em recolhimento, Nosso Senhor encontra uma multidão à sua espera na margem. Um homem egoís-

Tomadas de admiração pelo Mestre, as pessoas O seguiam sem preocupações triviais, motivadas pelo anseio de conviver com ele.



A multiplicação dos pães, por Heinrich van Waterschoot

ta e, portanto, pouco desejoso de fazer bem aos outros, logo ficaria desapontado por ver o planejado retirar-se desvanecer. Outra foi a reação do Salvador: “encheu-Se de compaixão por eles”. Renunciou de bom grado a seu projeto e de imediato começou a curar todos os doentes e a ensinar muitas coisas sobre o Reino de Deus, até o entardecer. Não houve ninguém que sáisse desatendido ou sem receber algum benefício. Eis o prêmio daqueles que mantêm aceso o senso da verdade, do bem e do belo e se deixam guiar por ele. “Grande era a adesão daquelas multidões, mas o que faz Jesus ultrapassar a recompensa devida ao mais ardente fervor”.¹ Como o superior perfeito, sabe Ele cuidar dos subalternos e tem compaixão, ou seja, sofre com eles.

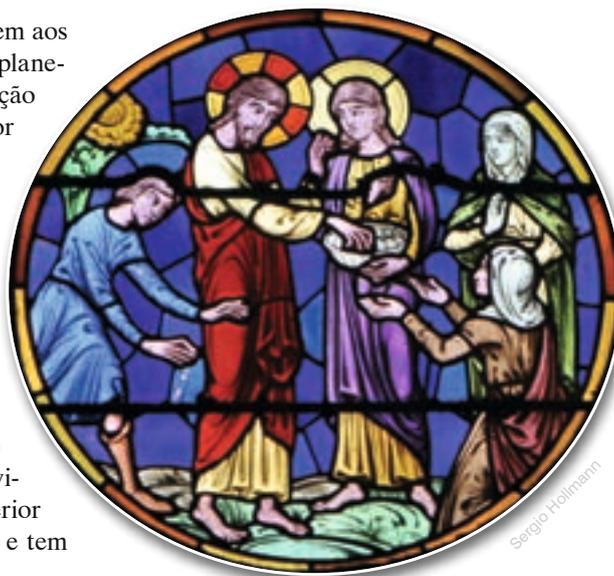
Os discípulos preocupavam-se consigo mesmos

¹⁵ Ao entardecer, os discípulos aproximaram-se de Jesus e disseram: “Este lugar é deserto e a hora já está adiantada. Despede as multidões, para que possam ir aos povoados comprar comida!”

Cada vez mais encantadas com o Divino Mestre, aquelas pessoas não se preocupavam com a alimentação, porque “o desejo de estar a seu lado não os deixava sentir fome”.²

Os discípulos, pelo contrário, percebendo aproximar-se o fim do dia, receavam ter o trabalho de providenciar alimento para tanta gente. Ora, eles já haviam visto Jesus converter água em vinho, em Caná, e operar todo tipo de milagres que comprovavam ser Ele realmente Deus ou, pelo menos, um grande profeta com um poder taumatúrgico incomum. “Entretanto, nem assim puderam prever o milagre da multiplicação dos pães, tão imperfeitos eram nessa ocasião”.³

São João acrescenta em seu Evangelho um detalhe: Jesus pergunta a Filipe onde comprar alimento para tão grande número de pessoas, e este responde serem necessários mais de duzentos denários de pão (cf. Jo 6, 5-7). Era evidente que não pretendia o Divino Mestre mandá-los adquirir tal quantidade de pão, que, aliás, eles não encontrariam nas redondezas e, talvez, nem dispusessem do dinheiro necessário para tal. Desde toda



A multiplicação dos pães - Basílica de Paray-le-Monial (França)

a eternidade, contudo, já sabia o Verbo de Deus o que faria, e tencionava apenas experimentar a fé dos discípulos no seu ilimitado poder de realizar prodígios.

Os discípulos manifestam fé fraca

¹⁶ Jesus, porém, lhes disse: “Eles não precisam ir embora. Dai-lhes vós mesmos de comer!” ¹⁷ Os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”.

A resposta do Senhor é taxativa: aqueles milhares de homens “não precisam ir embora” para comprar víveres. Uma vez que os recursos materiais se mostravam de todo insuficientes, chegara o momento de Deus agir, pois Ele “escolhe, para intervir, a hora das situações desesperadoras”.⁴ Queria também o Redentor facilitar aos discípulos a prática da virtude da humildade, pois ao constatar que a quantidade de gente não significava uma dificuldade para o Senhor, deveriam declarar a própria incapacidade de resolver o impasse e se colocar à disposição do Divino Taumaturgo, para servi-Lo no milagre que Ele, sendo a Bondade em essência, haveria de operar em favor daquela multidão.

A resposta permite supor a reação dos discípulos perante as palavras de Jesus: “Este homem pede coisas impossíveis... Como vamos alimen-

Os discípulos, pelo contrário, receavam ter o trabalho de providenciar alimento para tanta gente



Sergio Hollmann

A multiplicação dos pães - Paróquia de Saint-Sulpice, Fougères (França)

Ordenadas em grupos sobre a grama, as multidões começaram a receber os pães que se multiplicavam milagrosamente

tar toda essa gente com cinco pães e dois peixes? Terá Ele noção de quantas pessoas estão aqui?” Sua objeção demonstra o quanto estavam longe de viver segundo a convicção de que tudo é de Deus, tudo está n’Ele e por Ele é dirigido, ou seja, nada acontece sem sua permissão.

Cabe aqui uma consideração a este respeito. Existe um corte que divide drasticamente os homens em duas categorias bem definidas: os que têm fé e os que não a têm; os que se orientam conforme o prisma sobrenatural da fé e aqueles que pautam sua existência em função do concreto, do material, do palpável e sensível. Estes constituem uma grande fatia da humanidade, talvez avassaladoramente maior do que a dos homens de fé, os quais, por sua vez, sabem encontrar o dedo de Deus em tudo, inclusive na dor, mas sobretudo quando Ele resolve as situações de modo maravilhoso.

A multiplicação dos pães e dos peixes

¹⁸ Jesus disse: “Trazem aqui”. ¹⁹ Jesus mandou que as multidões se sentassem na grama. Então pegou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos para o céu e pronunciou a bênção. Em seguida, partiu os pães e os deu aos discípulos. Os discípulos os distribuíram às multidões.

Ao contrário do que queriam os Apóstolos, Nosso Senhor não despede as multidões, mas assume a responsabilidade de alimentá-las; não abandona aqueles milhares de homens, mulheres e crianças que se puseram sob sua proteção com tanta confiança e entusiasmo. O cuidado em distribuí-las ordenadamente pela relva, que era abundante por ser primavera, facilitava o cálculo do número de presentes e estava de acordo com o costume oriental de fazer as refeições em grupo.

Jesus toma os pães e os peixes, eleva os olhos ao céu – Ele que é o Dono do Céu, da terra e do universo inteiro –, abençoa os alimentos e entrega-os aos discípulos para serem distribuídos a todos os circunstantes. Maldonado comenta que – segundo São João Crisóstomo e Leôncio – Jesus manda trazer os pães para demonstrar que “quem dá de comer a todo o orbe terrestre é o Senhor, e Ele não depende de hora nem de tempo algum, pois em qualquer ocasião e conjuntura pode fazer de qualquer matéria quantos pães quiser”.⁵

O Pe. Manuel de Tuya⁶ propõe uma interessante questão: esses pães se multiplicaram nas mãos de Cristo ou nas dos Apóstolos, quando estes os distribuíam? E responde que não se sabe ao certo, dada a concisão do relato evangélico. São João Crisóstomo, por sua vez, observa que, ao entregá-los aos discípulos para eles fazerem a distribui-

ção e comprovarem pessoalmente a grandeza do milagre, o Divino Mestre “não pretendia apenas honrá-los com isso. Queria também que, ao realizar-se o milagre, eles lhe dessem fé e não o relegassem depois ao esquecimento, pois suas próprias mãos haveriam de atestá-lo. [...] Enfim, toma os pães de suas mãos para que haja muitas testemunhas do fato e tenham muitas recordações do milagre”.⁷

A superabundância de um milagre

²⁰ Todos comeram e ficaram satisfeitos, e dos pedaços que sobraram, recolheram ainda doze cestos cheios. ²¹ E os que haviam comido eram mais ou menos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

Concluída a miraculosa refeição, ainda sobrou abundante quantidade de pães que foram recolhidos, segundo os usos do tempo, e cada um dos Apóstolos precisou carregar um cesto na volta. Curioso contraste com o início da distribuição, quando tinham pouco peso nas mãos. Por isso não pode ter sido pequena a impressão dos discípulos e da multidão ante a magnitude do prodígio.

De acordo com uma crença difundida nos meios judaicos, o Messias faria cair do céu maná, mais do que o fizera Moisés no deserto,⁸ e com isso haveria grande fartura de víveres na terra de Israel.⁹ Depois de verem Nosso Senhor curar numerosos doentes e de comerem um pão de incomparável sabor, fruto de mais um grande milagre, compreende-se que aqueles homens não quisessem mais deixar a companhia de quem operava tantas maravilhas, pois julgavam tratar-se do tão esperado Messias. “Este é verdadeiramente o Profeta que há de vir ao mundo” (Jo 6, 14), afirmavam, constatando como Ele resolvia todos os problemas.

Atende às necessidades e sana as misérias

O Evangelho nos apresenta Nosso Senhor Jesus Cristo enquanto

sendo Aquele que atende a todas as nossas necessidades e nos fortalece nas debilidades. Ora, estão entre estas, mais do que as deficiências físicas, sobretudo as inclinações para o mal, as paixões desordenadas que não conseguimos dominar sem o auxílio permanente da graça. Estas misérias, no entanto, nos ajudam a reconhecer nossa total dependência da verdadeira seiva que provém d’Ele.

Disto nos dá claro ensinamento a primeira leitura (Is 55, 1-3), do Livro do Profeta Isaías: “Ó vós todos que estais com sede, vinde às águas; vós que não tendes dinheiro, apressai-vos, vinde e comei, vinde comprar sem dinheiro, tomar vinho e leite, sem nenhuma paga” (55, 1). Como tantas vezes nas Escrituras, é utilizada aqui uma linguagem simbólica. A sede à qual se refere o profeta é principalmente espiritual. Com efeito, temos em nossa alma uma apetência insaciável de felicidade, porque somos criados para o infinito. Como escreveu Santo Agostinho,¹⁰ fomos feitos para Deus e o nosso coração não estará tranquilo enquanto não repousar n’Ele. Quando virmos a Deus face a face, todo o resto se tornará nada para nós, porque comprovaremos quanto só Ele satisfaz inteiramente essa sede das águas límpidas da graça.

*Nosso Senhor
Jesus Cristo
atende a todas
as nossas
necessidades
e nos
fortalece nas
debilidades*



Multiplicação dos pães e dos peixes - Igreja de São Tiago, Tournai (Bélgica)

Os pães multiplicados por Nosso Senhor são imagem dum alimento espiritual: a Eucaristia

Uma bela pré-figura da Eucaristia

Com tão só cinco pães e dois peixes Nosso Senhor alimentou uma multidão de cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças. Numa época em que as famílias eram, em geral, numerosas, é possível supor que a quantidade de gente fosse muito maior. Talvez o dobro, o triplo, ou até mais. Mede-se a importância desse milagre pelo fato de ser o único relatado pelos quatro Evangelistas. Teve ele grande repercussão, também, por se encontrarem na região caravanas vindas das mais variadas partes a caminho de Jerusalém, para a festa da Páscoa que se aproximava.

Ao realizá-lo, Jesus tinha em vista não só alimentar os corpos, mas, sobretudo, preparar as almas para aceitarem a Eucaristia. Multiplicando pães e peixes, manifestou seu poder sobre a matéria. Caminhando sobre as águas, poucas horas depois, tornou patente o domínio sobre seu próprio Corpo (cf. Mt 14, 22-27). Desta maneira, ia o Divino Mestre predispondo os Apóstolos a serem, mais tarde, na Eucaristia, pois quem é capaz de operar tais prodígios pode perfeitamente instituir um Sacramento no qual a substância do pão cede lugar à do seu sagrado Corpo. Este milagre

é, pois, uma esplêndida pré-figura da Eucaristia. Temos hoje o Santíssimo Sacramento à nossa disposição nas Missas diariamente celebradas pelo mundo inteiro: é a multiplicação dos Pães Consagrados, o Pão da Vida, até o fim dos séculos.

Significado místico do milagre

Deus podia criar o homem com uma natureza diferente, apta para sustentar-se, por exemplo, só com ar ou com água. Mas preferiu criá-lo com a necessidade da nutrição, porque estava em seus divinos desígnios dar-lhe, a seu tempo, o supremo alimento espiritual: o Sacramento da Eucaristia. Por conseguinte, é cabível dizer que Ele, ao idealizar o trigo e a uva como duas criaturas vegetais possíveis, desde todo o sempre, não teve em vista apenas proporcionar ao homem os recursos

para elaborar um bom champanhe ou preparar um magnífico pão. Na mente do Criador estava em primeiro lugar a Eucaristia, o Corpo, Sangue, Alma e Divindade do Filho d'Ele, sob as espécies do pão e do vinho que, num extremo de bondade inimaginável, ofereceria aos homens em alimento.

Explica Santo Alberto Magno¹¹ que ao unirem-se duas substâncias, de maneira a uma mudar-se na outra, a superior assimila a inferior, por ser esta mais débil e imperfeita. Ora, o Santíssimo Sacramento é um alimento tão infinita e substancialmente superior a toda a ordem da criação, que Ele assume quem o recebe, aprimorando e santificando a alma. Podemos ilustrar este efeito com um sugestivo exemplo: ao se adicionar a um tonel cheio de álcool uma gotinha de essência de requintado perfume, todo o álcool se transforma em perfume. Referindo-se a este tema, conclui São Tomás¹² ser isto o que ocorre na Eucaristia. Quando se trata do alimento comum, o organismo extrai dele as substâncias adequadas para o seu sustento e as assimila. Na Eucaristia, ao contrário, é Cristo quem assume e diviniza a pessoa que O recebe. Por isso Ele afirmou de modo categórico: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a Carne do Filho do Homem, e não beberdes o seu Sangue, não tereis a vida em vós mesmos. Quem come a minha Carne e bebe o meu Sangue tem a vida eterna; e Eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6, 53-54).

Neste sentido, que inapreciável dádiva é a de dispor diariamente da Eucaristia! Houve tempo em que as pessoas comungavam uma vez ao ano, e a Primeira Comunhão era feita somente na idade adulta. Nos dias atuais, a partir do uso da razão é permitido receber a Jesus-Hóstia e, de acordo com as normas canônicas vigentes, admitte-se a frequência ao Sagrado Banquete até duas vezes ao dia.

II – O ILIMITADO AMOR DE DEUS NOS ENCHE DE CONFIANÇA

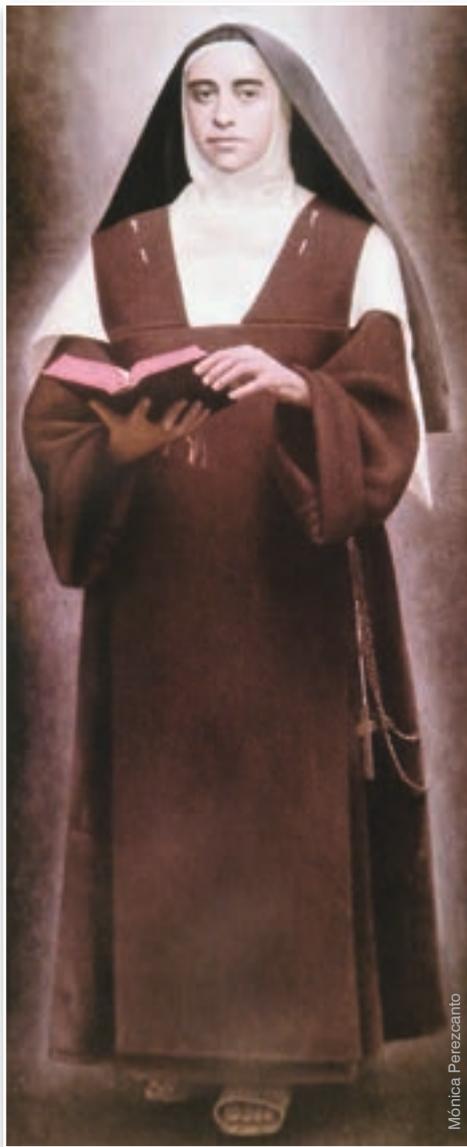
A Liturgia do 18º Domingo do Tempo Comum deve nos estimular a uma confiança extraordinária na Providência, pois, uma vez unidos a Jesus, podemos dizer com São Paulo, na segunda leitura deste dia: “Quem nos separará do amor de Cristo? Tribulação? Angústia? Perseguição? Fome? Nudez? Perigo? Espada? Em tudo isso, somos mais que vencedores, graças Àquele que



Gustavo Kraij

nos amou! Tenho a certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os Anjos, nem os poderes celestiais, nem o presente nem o futuro, nem as forças cósmicas, nem a altura, nem a profundidade, nem outra criatura qualquer, será capaz de nos separar do amor de Deus por nós, manifestado em Cristo Jesus, Nosso Senhor” (Rm 8, 35.37-39). O Apóstolo, que já passara por todas essas provações, conservava a força de alma, o zelo apostólico e o fogo para desejar conquistar o mundo porque sentia o amor de Deus incidir sobre ele. Se considerarmos que o Pai promoveu a Encarnação de seu Unigênito, igual a Ele, em nossa miserável natureza, para sofrer indizivelmente e nos obter a salvação, teremos uma ideia da magnitude desse amor.

Ensina São Tomás de Aquino¹³ que o amor de Deus é tão eficaz que infunde a bondade na criatura por Ele amada. Assim, quando encontra-



Santa Maravilhas de Jesus, por Ricardo Sanjuan
Igreja de São Sebastião, Madri

mos alguém muito bom, tenhamos certeza: Deus o ama especialmente. Devemos pedir a graça de sentir esta dilação divina por nós, tal como a experimentaram as multidões no deserto ao serem curadas de suas enfermidades e alimentadas com o pão mais delicioso que se conheceu. Ele quer nos dar tudo, mas, muitas vezes, somos nós que o impedimos. Dizia Santa Maravilhas de Jesus: “Setu Odeixas...”¹⁴ Se nos deixássemos santificar por Deus...

A santidade das gerações atuais e futuras haverá de resplandecer em homens que, reconhecendo suas insuficiências e debilidades, serão fiéis apesar de fracos e não oporão obstáculos ao amor que Deus prodigaliza a cada um, pois terão degustado a superabundância da generosidade divina e por isso, mesmo nas maiores dificuldades, confiarão incondicionalmente na inesgotável Bondade Absoluta, que é Deus! ✧

Deus quer nos dar tudo, mas, muitas vezes, somos nós que O impedimos

¹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. Homilias sobre el Evangelio de San Mateo. Homilia XLIX, n.1. In: *Obras*. 2.ed. Madrid: BAC, 2007, v.II, p.53.

² Idem, p.54.

³ Idem, ibidem.

⁴ SAINT LAURENT, Thomas de. *El libro de la confianza*. 2.ed. Bogotá: Corporación SOS Familia, 2000, p.25.

⁵ MALDONADO, SJ, Juan de. *Comentarios a los cuatro Evangelios*.

Evangelio de San Mateo. Madrid: BAC, 1956, v.I, p.532.

⁶ Cf. TUYA, OP, Manuel de. *Biblia Comentada. Evangelios*. Madrid: BAC, 1964, v.V, p.340.

⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, op. cit., n.2, p.58.

⁸ Cf. TUYA, op. cit., p.341.

⁹ Cf. BONSIRVEN, SJ, Joseph. *Le judaisme palestinien au temps de Jésus-Christ*. Paris: Beauchesne, 1950, p.193-194.

¹⁰ Cf. SANTO AGOSTINHO. *Confessionum*. L.I, c.1, n.1. In: *Obras*. 7.ed. Madrid: BAC, 1979, v.II, p.73.

¹¹ Cf. SANTO ALBERTO MAGNO. *Super Sent.* L.IV, d.IX, A, a.2, ad quest. ad 1.

¹² Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Super Sent.* L.IV, d.12, q.2, a.1, qc.1.

¹³ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.20, a.2.

¹⁴ GRANERO, Jesús María. *Madre Maravillas de Jesús. Biografía espiritual*. Madrid: Fareso, 1979, p.139.



Gustavo Krell

O fato mais glorioso da História, depois da Ascensão

Durante a Assunção de Nossa Senhora, toda a natureza e os próprios Anjos refulgiam magnificamente, refletindo a glória de Deus de modos diversos. Nada disso, porém, se comparava com o esplendor da Santíssima Virgem subindo ao Céu.



Plínio Corrêa de Oliveira

Um fato que chama a atenção, na História Sagrada, é Nosso Senhor ter querido subir ao Céu aos olhos dos homens; e que acontecesse o mesmo com a Assunção de Nossa Senhora. Por que a Ascensão e, depois, a Assunção deveriam dar-se à vista dos homens?

A Mãe do Redentor devia participar de sua glória

Quanto à Ascensão, há várias razões para isso e a mais protuberante delas é de caráter apologético. Era preciso que alguns pudessem dar testemunho deste fato histórico duplo, não só de que Jesus ressuscitou, mas de que Ele subiu ao Céu, a sua vida terrena não continuou.

Subindo ao Céu, Ele abriu o caminho para incontáveis almas e se assentou à direita do Padre Eterno. Ele, na sua humanidade santíssima, foi a primeira criatura – sendo

ao mesmo tempo Deus – a subir aos Céus em corpo e alma. Como Redentor, abriu o caminho dos Céus para os homens.

Mas havia uma outra razão: era necessário que Ele, tendo sofrido todas as humilhações, recebesse todas as glorificações! E glória maior e mais evidente não pode haver para alguém do que subir aos Céus, porque é ser elevado por cima de todas

as alturas. E aqueles que se salvarem transcenderão todo esse mundo no qual nos encontramos e irão para o Céu empíreo, onde Deus Nosso Senhor está, para se unirem a Ele eternamente.

E assim como Nossa Senhora havia participado como ninguém do mistério da Cruz, o Redentor quis que Ela tivesse a mesma forma de glória e participasse como ninguém da glorificação d'Ele. A glorificação de Maria Santíssima se dava desse modo, sendo Ela levada aos Céus.

No momento em que lá entrou, a Virgem Maria foi coroada como Filha diletta do Padre Eterno, como Mãe admirável do Verbo Encarnado e como Esposa fidelíssima do Espírito Santo.

Estupendo fulgor da natureza angélica

Nossa Senhora teve uma glorificação na terra e, depois, uma

Quis o Redentor que sua Mãe Santíssima tivesse a mesma forma de glória e participasse como ninguém da glorificação d'Ele

glorificação no Céu; portanto, nós precisamos considerar a Assunção como um fenômeno gloriosíssimo. Infelizmente os pintores, a partir da Renascença, não souberam representar de modo adequado a glória que deve ter cercado este espetáculo.

Devemos imaginar o seguinte: é próprio às coisas da terra que, quando se quer glorificar uma pessoa, em sua residência, por exemplo, todos vestem seus melhores trajes, exibem-se os mais belos objetos, colocam-se flores e tudo aquilo que há de mais nobre para homenageá-la.

Tal regra está dentro da ordem natural das coisas e é seguida também no Céu. O maior brilho da natureza angélica, o fulgor mais estupendo da glória de Deus nos Anjos deve ter aparecido exatamente no momento em que subiu ao Céu Nossa Senhora.

Se fosse permitido aos mortais verem os Anjos naquela ocasião, estes deveriam se apresentar rutilantíssimos, com um esplendor absolutamente invulgar. E se não foi dado a todos os homens contemplá-los então, é certo, pelo menos, que a presença deles se fez sentir de modo imponderável, porque muitas vezes na História isso ocorreu, embora não fosse propriamente uma visão ou uma revelação.

Glória que transparece aos olhos dos homens

É natural também que nesta hora o Sol tenha brilhado de modo magnífico, que o céu tenha tomado cores variadas, refletindo de formas diversas, como uma verdadeira sinfonia, a

A Assunção foi, depois da Ascensão de Nosso Senhor, o fato mais glorioso da História, comparável apenas com o dia do Juízo Final

glória de Deus. E as pessoas ali presentes devem ter sentido em si, de maneira extraordinária, essa manifestação do esplendor de Deus.

Mas nada disso podia se comparar com o próprio esplendor da Santíssima Virgem subindo ao Céu. À medida que Ela Se elevava, a glória interior d'Ela certamente ia transparecendo mais aos olhos dos homens, como numa verdadeira transfiguração, semelhante à do Tabor.

Aludindo profeticamente a Nossa Senhora, diz o Antigo Testamento:

“Omnis gloria eius filiae regis ab intus” (Sl 44, 14), toda glória da filha do rei lhe vem do interior, daquilo que está dentro dela. E com certeza essa glória interna que Maria Santíssima possuía se manifestou do modo mais estupendo quando, já no alto de sua trajetória celeste, Ela olhou uma última vez para os homens, antes de definitivamente deixar este vale de lágrimas e ingressar na glória de Deus.

Compreende-se que deve ter sido, depois da Ascensão de Nosso Senhor, o fato mais esplendorosamente glorioso da História da terra, comparável apenas com o dia do Juízo Final, em que Nosso Senhor Jesus Cristo virá em grande pompa e majestade, diz a Escritura, para julgar os vivos e os mortos; e com Ele, toda reluzente da glória do Divino Salvador, de um modo indizível, aparecerá também Nossa Senhora aos nossos olhos. ✧



Angellis David Ferreira

Ascensão de Nosso Senhor aos Céus - Igreja de Jesus, Miami; na página anterior, Coroação de Nossa Senhora, por Nicolò di Pietro Museu de Belas Artes de Montreal (Canadá)

Extraído, com pequenas adaptações, de: *Dr. Plínio*. São Paulo. Ano XXI. N.245 (Ago., 2018); p.10-12



Coroação de Maria - Igreja de Santo Inácio de Loiola, San Sebastián (Espanha)
Foto: Francisco Lecaros

Como será o Reino de Maria?

Qualquer imaginação sobre o triunfo do Imaculado Coração de Maria não passa de simples rascunho se comparada às maravilhas que Deus operará a fim de glorificar sua Filha predileta, sua Mãe virginal, sua Esposa imaculada.

Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP

Seria enganoso pensar que os eleitos, ao partirem para o Céu, dão por encerrada sua missão na terra. Pelo contrário, a verdadeira atuação dos que se salvam inicia-se uma vez transposto o limiar da eternidade. É o que Dr. Plínio Corrêa de Oliveira denominava de *post* história de uma alma, ainda mais substancial e eficaz que sua existência terrena, embora esta possa ter sido retumbante e cheia de brilho.

À vista disso, caberia nos perguntarmos: como se verifica a materna intervenção de Nossa Senhora nos acontecimentos após sua Assunção à morada celeste?

Para o Autor, a *post* história da Santíssima Virgem se divide em

três grandes fases: o dilúculo, a aurora e o esplendor meridiano. A era do dilúculo transcorreu dos albos da Igreja primitiva até o zênite da Idade Média. A aurora teve início com o eclodir da Revolução,¹ nefasto processo de deterioração da Civilização Cristã que desemboca nos dias atuais, marcados pelo caos, pelo ateísmo e pela extravagância. E o esplendor meridiano começará com o triunfo do Coração Imaculado de Maria, antecedido, como tudo indica, por um castigo de proporções apocalípticas.

Cabe aqui tratar sobre a última dessas etapas, ou seja, a do reinado de Jesus Cristo por meio de sua Mãe.

Glorioso porvir, superior a qualquer imaginação

Para o Autor, resulta impossível transmitir o que lhe vai na alma a respeito do porvir glorioso reservado à Santa Igreja durante o Reino da Virgem Celestial. Faltam-lhe palavras para descrevê-la renovada e esfuziante de graça pela ação do Divino Espírito Santo, o qual agirá em favor dela em Maria, com Maria e por Maria.

Um trecho da profecia de Baruc oferece uma pálida ideia sobre as intuições que enchem de entusiasmo seu coração: “Tira, Jerusalém, a veste de luto e de miséria; reveste, para sempre, os adornos da glória divina. Cobre-te com o manto da justiça que vem de Deus, e coloca sobre a cabeça

o diadema da glória do Eterno. Deus vai mostrar à terra, e sob todos os céus, teu esplendor. Eis o nome que te é dado por Deus, para todo o sempre: Paz da justiça e Esplendor do temor de Deus!” (5, 1-4).

Contudo, o plano do Altíssimo surpreenderá inclusive os espíritos de maior descortino, pois Ele “pode fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou entendemos” (Ef 3, 20). Qualquer imaginação sobre o triunfo do Coração de Maria e do conseqüente enaltecimento da Igreja não passa de simples rascunho se comparada às maravilhas que o Senhor dos Exércitos operará a fim de glorificar sua Filha predileta, sua Mãe virginal, sua Esposa imaculada.

Anseios que antecipam a intervenção divina

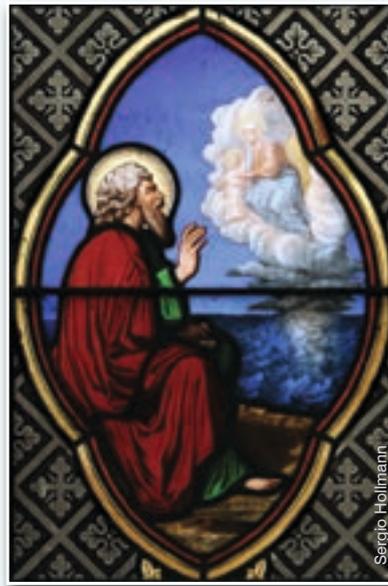
Essa sublime realidade não exclui, entretanto, outra ainda mais bela, apontada por Dr. Plínio: “À medida que os justos vão gerando a ideia de como será o Reino de Maria, ele se aproxima de nós”.² É próprio ao profetismo não apenas prever e anunciar, mas de alguma forma antecipar e já antegozar os fatos percebidos à distância.

Ao receber a notícia de que uma pequena nuvem, com a aparência de um punho, se levantava no horizonte, Elias divisou a chuva torrencial que cairia sobre Israel e faria reverdecer o solo tornado estéril pela implacável seca com que Deus castigara por três anos os pecados do povo. Imediatamente mandou dizer ao Rei Acab que se apressasse em retornar a seu palácio, a fim de que a chuva não o detivesse pelo caminho (cf. I Rs 18, 41-46).

Ora, para além do fenômeno físico, o profeta ígneo discerniu na nuvenzinha uma pré-figura da Virgem que traria à terra outro dilúvio, não de água mas de graça: a própria Fonte divina da graça, que redimiria o gênero humano tornado estéril pela

desobediência de nossos primeiros pais. E narra a Bem-Aventurada Ana Catarina Emmerich³ que, escolhendo três de seus discípulos, Elias os enviou como mensageiros aos pagãos do norte e do sul, mesmo ao longínquo Egito, para anunciar-lhes que se preparassem, pois estava por chegar uma Virgem da qual nasceria o Salvador dos homens.

Esse episódio mostra que, quando certas almas são levadas pelo sopro da graça a voar no firmamento da futura exaltação de Nossa Senhora, elas devem deixar-se conduzir sem receios. Embora fiquem sempre aquém da realidade, seu anseio enle-



Elias avista a nuvenzinha - Catedral de Autun (França)

*O profeta ígneo
discerniu na
nuvenzinha uma
pré-figura da Virgem
que traria à terra
a própria Fonte
Divina da graça*

vado de ver vingada a honra da Mãe de Deus apressa a manifestação da justiça e da misericórdia divinas.

Em conseqüência, o Autor deseja tecer algumas considerações a respeito do porvir, baseadas nos proféticos comentários de seu mestre espiritual, Plínio Corrêa de Oliveira, para, assim, incentivar as inspirações da graça que falam no interior das almas no sentido de esperar com confiança a intervenção divina nos acontecimentos, determinando o fim do domínio revolucionário e a instauração do reinado de Jesus por Maria.

“As almas respirarão Maria”

Na expectativa profética de Dr. Plínio, a era marial será uma época de transmissão de dádivas celestiais inéditas: “Eu espero que Nossa Senhora nos dê dons inimagináveis, superacrescidos, tão mais belos e tão mais admiráveis que os já conhecidos, que nós nem saibamos o que dizer”.⁴ Ora, para se verificar tal comunicação de graças e desígnios, a humanidade deve seguir a mesma via trilhada por Maria Santíssima: a da Sagrada Escravidão.

No Reino da Virgem os homens participarão num grau altíssimo do amor que une o Divino Espírito Santo a Nossa Senhora. Segundo a expressão de São Luís Grignon de Montfort, “as almas respirarão Maria”,⁵ ou seja, sentir-se-ão alvo do incomensurável e gratuito amor d’Ela e, em decorrência, amarão com confiança, arrebatamento e carinho. Desse afeto infável nascerá um discernimento dos espíritos mútuo, mediante o qual contemplarão umas nas outras o aspecto específico da Mãe de Deus que estão chamadas a refletir.

No entanto, isso só se realizará através de um vínculo de escravidão espiritual estreitíssimo com a Soberana do Universo, todo feito de enlevo, veneração e ternura, bem como de disposição radical para o serviço,

a obediência e o holocausto. Desse modo toda a sociedade será elevada a um novo patamar de vida sobrenatural, cumprindo em plenitude as palavras de São Paulo: “Aquele que está em Cristo é uma nova criatura” (II Cor 5, 17). No conjunto da Opinião Pública refulgirá a imagem e semelhança de Jesus, pela Mediação Universal de Maria.

Reino da clemência, da piedade e da doçura

Em função dessa perspectiva, como definir o Reino de Maria?

Será o reinado da clemência, da piedade e da doçura de Nossa Senhora, a era histórica na qual o espírito d’Ela estará presente em cada criatura e seu amor cobrirá, como uma névoa alva e discreta, toda a terra. Assim como nos dias atuais se inala em qualquer parte o hálito pestilento e imundo da Revolução, caracterizado pela revolta, pelo igualitarismo e pela sensualidade desbragada, durante o Reino de Maria se respirará o suave perfume da presença e das virtudes da Rainha Celestial, quer nas almas e nos ambientes, quer nos costumes e até nas civilizações.

O grande profeta e apóstolo de Maria, São Luís Grignon de Montfort,⁶ explica que Nossa Senhora engendrará nas almas dos paladinos de seu reinado uma santidade tão superior, por se tratar de uma participação em suas próprias virtudes, que eles terão, na ordem da graça, a proporção dos cedros-do-líbano em relação aos arbustos se comparados aos Santos das épocas anteriores.

A esses eleitos Ela Se mostrará e Se entregará por inteiro, como jamais o fez. Haverá um momento em que cada um dos filhos e escravos d’Ela A verá como que transfigurada diante de si e experimentará as torrentes de amor e de misericórdia que emanam de seu Coração.

Tudo ficará limpo, perdoado e restaurado. O Reino de Maria, realização máxima do Reino de Cristo, estará fundado nas almas.

Desvendar-se-á o Segredo de Maria

Tal auge de vitalidade sobrenatural fará da Igreja e da sociedade uma imagem do Corpo glorioso de Cristo. Substancialmente será sempre o mesmo e único Corpo Místico, mas ele estará ornado de qualidades novas, as quais lhe conferirão uma luz intensíssima. De sua parte, os homens continuarão sujeitos às



Mons. João venera a imagem de Maria Auxiliadora da Casa de Formação Tabor, em junho de 2015

*Por uma ação
da graça, essa
cognição virá
acompanhada de um
acréscimo do amor,
devoção e piedade
para com ela*

más tendências instiladas pelo pecado original; todavia, é de se esperar que, na maioria dos casos, estas permanecerão submissas à razão iluminada pela fé, como resultado de uma moção extraordinária da graça concedida pela misericórdia divina.

Para lograr esse grau de santificação e renovação de sua Esposa Mística, Nosso Senhor realizará em favor da humanidade algo análogo ao sucedido com os discípulos nos dias posteriores à Páscoa da Ressurreição: lhes abrirá o espírito, para que entendam as Escrituras (cf. Lc 24, 45). Desvendar-se-á então o Segredo de Maria,⁷ que consiste numa verdade conhecida, mas não inteiramente compreendida e amada. Nesse sentido, Dr. Plínio afirma:

“Eu tenho a impressão, não posso ter a certeza, de que o Segredo de Maria será uma luz nova sobre uma verdade já manifestada, mas cuja interpretação saltará aos olhos particularmente nessa época da História. Tal verdade, contida na Revelação oficial, diria respeito à própria essência de Deus e, a partir dela, às relações de Deus com Nossa Senhora, com a Igreja e com todas as almas. Em consequência, o relacionamento dos homens com o universo – no âmbito cultural, político, social e econômico – seria condicionado a fundo por esse dado novo, sobre o qual se incidiria uma luz especial”.⁸

O Segredo de Maria não se limitará, porém, à simples assimilação de uma verdade, embora ela seja necessária uma vez que não se ama aquilo que não se conhece. A clara noção a respeito de Nossa Senhora produzirá nos corações um efeito semelhante ao experimentado pelos discípulos de Emaús ao ouvirem os ensinamentos do Divino Mestre: “Não se nos abrasava o coração, quando Ele nos falava pelo caminho e nos explicava as Escrituras?” (Lc 24, 32).

Por uma ação da graça, essa cognição virá acompanhada de um acréscimo de amor, devoção e piedade para com Ela, que redundará, conforme indica Dr. Plínio, em “uma certa união de cogitações e de vias com Maria e, por Ela, com Jesus, que nós não entendemos agora como poderá ser. Trata-se de algo sublime e misterioso”.⁹

Dessas graças surgirá uma nova civilização

A plena revelação desse Segredo descerrará as mentes e os corações para dois aspectos específicos de Nossa Senhora. De um lado, se verificará um enorme aprofundamento na compreensão das relações d’Ela com as Três Pessoas Divinas, como mencionado acima. À luz desse convívio, o imbricamento entre as almas adquirirá tal teor que, como explica Dr. Plínio, “se estabelecerá uma espécie de paz e de tranquilidade entre os homens, dando lugar a uma nova civilização”.¹⁰ E, de modo especial, “se inauguraria um relacionamento com os Corações de Jesus e de Maria, marcado por uma nota de intimidade que antes não havia”.¹¹

Por outro lado, em virtude de um desenvolvimento teológico favorecido por graças insígnies e, quiçá, por dons místicos, ficará patente a Mediação Universal de Nossa Senhora



Quadro do Imaculado Coração de Maria pertencente a Dr. Plínio Corrêa de Oliveira

Cada um dos filhos e escravos d’Ela A verá como que transfigurada diante de si e experimentará o amor que emana de seu Coração

e seu papel na salvação dos homens, pondo em relevo a superexcelência da santidade d’Ela. Como corolário, far-se-á luz sobre o enigmático processo revolucionário e os falsos profetas que o sustentam, os quais envolveram em trevas a própria Igreja.

Ressalta ainda Dr. Plínio que “essa nova compreensão abriria para os homens uma tal amplitude de graças, daria um caráter tão filial e, ao mesmo tempo, tão humilde ao vínculo com Ela, que elevaria o nível da piedade dos fiéis e, *a fortiori*, do clero a uma altura só vagamente pressentida pelos séculos anteriores. Assim, chegado o momento da revelação do Segredo de Maria, nossas esperanças de santidade se multiplicarão por um milhão!”¹²

Em decorrência, o bem será exaltado como nunca, e o mal execrado até as últimas consequências. À medida que essa era abençoada progreda e se acerque de seu apogeu, estarão assentadas as bases para que a honra devida ao Criador seja dada por completo e, assim, se ponha um glorioso termo à História. ✧

Extraído, com adaptações, de: *Maria Santíssima! O Paraíso de Deus revelado aos homens.* São Paulo: Arautos do Evangelho, 2020, v.III, p.59-67; 117-129

¹ Pode causar perplexidade o fato de se qualificar de auro-ra um período que se distingue pela sistemática demolição dos valores cristãos e pela decadência da própria Igreja, ferida pelos pecados de seus filhos. Entretanto, em meio às batalhas da Esposa do Cordeiro contra a Revolução gnóstica e igualitária, despontaram varões e damas cuja virtude continha uma força e um esplendor característicos e pre-nunciativos de uma fase histórica de requintada santidade. São Luís Maria Grignion de

Montfort, por exemplo, é um Santo que transcende em muito sua época, plenamente digno da era marial por ele mesmo anunciada.

² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 19 dez. 1981.

³ Cf. BEATA ANA CATARINA EMMERICH. *Visões y revelaciones completas*. Madrid: Ciudadela Libros, 2012, v.II, p.316.

⁴ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 6 jan. 1981.

⁵ SÃO LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Traité de la vraie dévotion à la Sainte Vierge*, n.217.

⁶ Cf. Idem, n.47.

⁷ Em seus escritos, o São Luís Grignion se refere à escravidão de amor a Maria por ele preconizada como um segredo revelado pelo Altíssimo de uma via segura para a santidade. Mais do que em práticas piedosas, esse segredo consiste em fazer todas as coisas com Maria, em Maria, por Maria e para Maria (cf. SÃO

LUÍS MARIA GRIGNION DE MONTFORT. *Le secret de Marie*, n.1; 28).

⁸ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 28 jul. 1980.

⁹ CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Palestra*. São Paulo, 30 ago. 1986.

¹⁰ Idem, *ibidem*.

¹¹ Idem, *ibidem*.

¹² CORRÊA DE OLIVEIRA, Plínio. *Conversa*. São Paulo, 28 abr. 1987.

Rainha dos últimos tempos

São Luís Maria Grignon de Montfort



É por Maria que a salvação do mundo começou, e é por Maria que deve ser consumada. Maria quase não apareceu na primeira vinda de Jesus Cristo, a fim de que os homens, ainda pouco instruídos e esclarecidos sobre a Pessoa de seu Filho, não se afastassem da verdade, apegando-se intensa e grosseiramente a Ela, por causa dos encantos admiráveis que o Altíssimo Lhe havia concedido, inclusive exteriormente. O que é tão verdadeiro que São Dionísio, o Areopagita, nos deixa por escrito que, quando A viu, A teria tomado por uma divindade, por causa de seus encantos secretos e de sua beleza incomparável, se a fé, na qual estava bem confirmado, não Lhe tivesse ensinado o contrário.

Mas, na segunda vinda de Jesus Cristo, Maria deve ser conhecida e revelada pelo Espírito Santo, a fim de por Ela fazer conhecer, amar e servir Jesus Cristo, uma vez que não subsistirão mais as razões que O levaram a ocultar sua Esposa durante a vida e a não revelá-La senão bem pouco desde a pregação do Evangelho.

Maria precisa ser mais conhecida pelos homens

Deus quer, portanto, revelar e manifestar Maria, a obra-prima de suas mãos, nesses últimos tempos.

1. Porque, em sua profunda humildade, Ela Se escondeu neste mundo e Se colocou mais abaixo que o pó, tendo obtido de Deus, de seus Apóstolos e Evangelistas que não fosse manifestada.

2. Porque, sendo a obra-prima das mãos de Deus, tanto no nosso mundo pela graça, como no Céu pela glória, Ele quer, por meio d'Ela, ser glorificado e louvado sobre a terra pelos viventes.

3. Como Ela é a aurora que precede e descobre o Sol de Justiça, que é Jesus Cristo, deve ser conhecida e vista, para que Jesus Cristo também o seja.

4. Sendo a via pela qual Jesus Cristo veio a nós pela primeira vez, Ela o será ainda quando Ele vier na segunda vez, embora de maneira distinta.

5. Sendo o meio seguro e a via reta e imaculada para ir a Jesus Cristo e O encontrar perfeitamente, é por Ela que O devem achar as boas almas chamadas a brilhar em santidade.

O poder de Nossa Senhora brilhará particularmente nos últimos tempos, quando o demônio armará ciladas ao seu calcanhar, isto é, aos filhos e escravos que Ela suscitará para Lhe fazer guerra. Quem serão essas almas eleitas?

Acima, a Virgem com o Menino Jesus esmagando o demônio - Catedral de São Pedro, Vannes (França)

Aquele que achar Maria encontrará a vida. Mas não pode achar Maria quem não A procura; não pode procurar-La quem não A conhece: pois não se procura nem se deseja um objeto desconhecido. É preciso, portanto, que Maria seja mais conhecida do que nunca, para maior conhecimento e glória da Santíssima Trindade.

6. Maria deve brilhar, mais do que nunca, em misericórdia, em força e em graça nesses últimos tempos. Em misericórdia, para trazer de volta e receber amorosamente os pobres pecadores e extraviados que se converterão e voltarão à Igreja Católica. Em força contra os inimigos de Deus, os idólatras, cismáticos, maometanos, judeus e ímpios empedernidos, que se revoltarão terrivelmente para seduzir e fazer cair, por meio de promessas e ameaças, todos aqueles que lhes forem contrários. Enfim, ela deve brilhar em graça, para animar e sustentar os valentes soldados e fiéis servos de Jesus Cristo, que combaterão pelos seus interesses.

7. Enfim, Maria deve ser terrível para o demônio e seus asseclas como um exército em ordem de batalha, principalmente nesses últimos tempos, porque o demônio, sabendo bem que tem pouco tempo, e muito menos do que nunca, para perder as almas, redobra todos os dias seus esforços e seus combates. Ele suscitará em breve cruéis perseguições e armará terríveis ciladas aos servos fiéis e verdadeiros filhos de Maria, que lhe dão mais trabalho para vencer do que os outros.

O mais terrível inimigo do demônio

É principalmente a essas últimas e cruéis perseguições do demônio, que aumentarão todos os dias até o reino do Anticristo, que se deve aplicar a primeira e célebre predição e

maldição de Deus, lançada no Paraíso Terrestre contra a Serpente.

Vem a propósito explicá-la aqui para a glória da Santíssima Virgem, para a salvação de seus filhos e a confusão do demônio.

“Inimicitias ponam inter te et mulierem, et semen tuum et semen illius; ipsa conteret caput tuum, et tu insidiaberis calcaneo eius – Porei inimizades entre ti e a Mulher, entre a tua raça e a d’Ela; Ela te esmagará a cabeça, e tu armarás ciladas ao seu calcanhar” (Gn 3, 15).

Deus nunca fez e formou senão uma única inimizade, porém irreconciliável, que há de durar e mesmo aumentar até o fim: é entre Maria, sua digna Mãe, e o demônio, entre os filhos e servos da Virgem Santa, e os filhos e sequazes de Lúcifer. Deste modo, o mais terrível inimigo que Deus constituiu contra o demônio é Maria, sua Santa Mãe.

Ele A dotou, desde o Paraíso Terrestre, embora Ela existisse ainda apenas na sua mente, de tanto ódio contra esse maldito inimigo de Deus, tanto engenho para descobrir a malí-

cia dessa antiga Serpente, tanta força para vencer, arrasar e esmagar esse orgulhoso ímpio, que o demônio A teme mais, não só do que a todos os Anjos e homens, mas, em certo sentido, do que ao próprio Deus.

Não é que a ira, o ódio e o poder de Deus não sejam infinitamente maiores do que os da Virgem Santa, pois as perfeições d’Ela são limitadas. Mas é que, primeiro, Satanás, sendo orgulhoso, sofre infinitamente mais por ser vencido e castigado por uma pequena e humilde Serva de Deus, e a humildade d’Ela o humilha mais do que o poder divino. Segundo, porque Deus deu a Maria um poder tão grande contra os demônios, que estes temem mais – como foram muitas vezes obrigados a confessar pela boca dos possessos – um só de seus suspiros por alguma alma, do que as preces de todos os Santos, e uma só de suas ameaças contra eles, do que todos os seus outros tormentos.

O que Lúcifer perdeu por orgulho, Maria o ganhou por humildade; o que Eva condenou e perdeu por desobediência, Maria o salvou por obediência.

Eva, ao obedecer à Serpente, perdeu consigo todos os seus filhos e os entregou ao demônio; Maria, ao Se tornar perfeitamente fiel a Deus, sal-



Maria deve ser conhecida e revelada pelo Espírito Santo, a fim de por Ela fazer conhecer, amar e servir Jesus Cristo

Maria e o Espírito Santo
Museu de Arte Religiosa, Cuzco (Peru)

vou consigo todos os seus filhos e servos, e os consagrou à sua Majestade.

A raça da Virgem em luta contra a raça da Serpente

Deus estabeleceu não apenas uma inimizade, mas inimizades, não só entre Maria e o demônio, mas entre a raça da Virgem Santa e a raça do demônio; isso quer dizer que Deus pôs inimizades, antipatias e ódios secretos entre os verdadeiros filhos e servos da Virgem Santa e os filhos e escravos do demônio: eles não se amam nem têm qualquer correspondência interior uns com os outros.

Os filhos de Belial, os escravos de Satanás, os amigos do mundo – pois é a mesma coisa – sempre perseguiram até hoje e perseguirão mais do que nunca aqueles e aquelas que pertencem à Santíssima Virgem, como outrora Caim perseguiu seu irmão Abel, e Esaú seu irmão Jacó, que são as figuras dos réprobos e dos predestinados.

Mas a humilde Maria alcançará sempre a vitória sobre esse orgulhoso, e tão grande que chegará a lhe esmagar a cabeça onde reside seu orgulho. Ela descobrirá sempre seus fingimentos infernais, dissipará seus conselhos diabólicos, e protegerá até o fim dos tempos seus fiéis servos contra a garra cruel do demônio.

Pequenos segundo o mundo, grandes em santidade

O poder de Maria sobre todos os diabos brilhará particularmente nos últimos tempos, quando Satanás armará ciladas ao seu calcanhar, isto é, aos seus humildes escravos e seus pobres filhos que Ela suscitará para lhe fazer guerra.

Eles serão pequenos e pobres segundo o mundo, e

rebaixados diante de todos como o calcanhar, pisoteados e perseguidos como o calcanhar o é em relação aos outros membros do corpo. Mas, em troca, serão ricos da graça de Deus, que Maria lhes distribuirá abundantemente; grandes e destacados em

*Ela dissipará
seus conselhos
diabólicos, e
protegerá até o fim
dos tempos seus fiéis
servos contra a garra
cruel do demônio*



Nossa Senhora do Socorro, por Bernardino Mariotto
Museu Cívico de Morrovalle (Itália)

santidade diante de Deus, superiores a toda criatura pelo seu zelo ardente, e tão fortemente apoiados no socorro divino que, com a humildade de seu calcanhar e em união com Maria, esmagarão a cabeça do demônio e farão triunfar Jesus Cristo.

Enfim, Deus quer que sua Santa Mãe seja hoje mais conhecida, mais amada, mais honrada do que nunca foi. O que acontecerá sem dúvida, se os predestinados entrarem, com a graça e luz do Espírito Santo, na prática interior e perfeita que lhes revelarei em seguida.

Eles verão então, tão claramente quanto a fé lhes permitir, essa formosa Estrela do Mar, e chegarão ao porto seguro, apesar das tempestades e dos piratas, seguindo sua conduta. Conhecerão as grandezas dessa Soberana, e se consagrarão inteiramente

a seu serviço como seus súditos e seus escravos de amor. Provarão suas doçuras e suas bondades maternas, e A amarão carinhosamente como seus filhos bem-amados. Conhecerão as misericórdias de que Ela está repleta e sentirão a necessidade de seu socorro, e recorrerão a Ela em todas as coisas como à sua querida Advogada e Medianeira junto de Jesus Cristo. Saberão que Ela é o meio mais seguro, mais fácil, mais curto e mais perfeito para chegarem a Jesus Cristo, e se entregarão a Ela de corpo e alma, sem limite, para pertencerem do mesmo modo a Jesus Cristo.

Apóstolos verdadeiros dos últimos tempos

Mas quem serão esses servos, escravos e filhos de Maria?

Serão um fogo ardente, ministros do Senhor que ate-

irão o fogo do amor divino por toda parte.

Serão *sicut sagittae in manu potentis*, flechas pontiagudas na mão da poderosa Maria para transpassarem seus inimigos.

Serão filhos de Levi, bem purificados pelo fogo de grandes tribulações e bem unidos a Deus, que trarão o ouro do amor divino no coração, o incenso da oração no espírito e a mirra da mortificação no corpo, e serão por toda parte o bom odor de Jesus Cristo para os pobres e os pequenos, e um odor de morte para os grandes, os ricos e orgulhosos mundanos.

Serão nuvens tonitruantes que voarão pelos ares ao menor sopro do Espírito Santo. E, sem se apegar a nada, nem se espantar nem se afligir com nada, derramarão a chuva da Palavra de Deus e da vida eterna; tropeçarão contra o pecado, clamarão contra o mundo, golpearão o demônio e seus asseclas, e transpassarão de um lado ao outro, para a vida ou para a morte, com sua espada de dois gumes da Palavra de Deus, todos aqueles a quem forem enviados da parte do Altíssimo.

Serão apóstolos verdadeiros dos últimos tempos, a quem o Senhor das virtudes dará a palavra e a força para operar maravilhas e conquistar despojos gloriosos sobre seus inimigos; dormirão sem ouro nem prata e, o que mais é, sem cuidados, no meio de outros padres, eclesiásticos e clérigos, *inter medios clericos*. E, no entanto, terão as asas prateadas da pomba, para irem com a pura intenção da glória de Deus e da salvação



Gustavo Kraijl

Pentecostes - Santuário da Mãe do Bom Conselho, Genazzano (Itália); em destaque, São Luís Maria Grignion de Montfort - Coleção particular

Serão apóstolos dos últimos tempos, a quem o Senhor dará a palavra e a força para operar maravilhas

das almas, aonde o Espírito Santo os chamar, e deixarão atrás de si, nos lugares onde tiverem pregado, tão somente o ouro da caridade, que é o cumprimento de toda a Lei.



Luís Cesar

Enfim, sabemos que serão verdadeiros discípulos de Jesus Cristo, que seguirão as pegadas de sua pobreza, humildade, desprezo do mundo e caridade, ensinando a via estreita de Deus na pura verdade, segundo o Santo Evangelho, e não segundo as máximas do mundo, sem se afligir nem fazer acepção de pessoa, sem poupar, ouvir nem rezear nenhum mortal, por poderoso que seja.

Terão em sua boca a espada de dois gumes da Palavra de Deus; carregarão nos seus ombros o estandarte ensangüentado da Cruz, o crucifixo na mão

direita, o terço na esquerda, os sagrados nomes de Jesus e Maria em seu coração, e a modéstia e mortificação de Jesus Cristo em toda a sua conduta.

Eis os grandes homens que virão, mas que Maria suscitará por ordem do Altíssimo, para estender seu império sobre o dos ímpios, idólatras e maometanos.

Mas quando e como isso acontecerá?...

Só Deus o sabe. Cabe a nós calar, rezar, suspirar e esperar: "Esperei firmemente no Senhor" (Sl 39, 2). ✧

Extraído de: *Tratado da verdadeira devoção à Santíssima Virgem*. 3.ed. São Paulo: Retornarei, 2018, p.36-45

SANTA JOANA DE CHANTAL

Afetuoso e sobrenatural convívio

Da eternidade, Santa Joana de Chantal continua a missão iniciada nesta terra junto com São Francisco de Sales: impedir que se desfaçam os laços de amor que unem as almas eleitas ao Céu.



Ir. Luciana Niday Kawahira, EP



Sergio Hollmann

São Francisco entrega as Regras a Santa Joana de Chantal
Mosteiro da Visitação, Gênova (Itália)

Na igreja do mosteiro de Annecy, entra a antiga Baronesa de Chantal, não mais revestida dos adornos de outrora, mas ornada das virtudes que a distinguem no governo da Ordem da Visitação. Aproxima-se do féretro onde se encontra São Francisco de Sales.

Infelizmente – ou, talvez, providencialmente – esta fiel discípula não tivera a oportunidade de vê-lo no momento de sua morte, de ouvir um conselho que pudesse transmitir às suas filhas espirituais, de receber um último olhar do guia que a deixava para sempre... Esses dois grandes Santos que, juntos, marcaram a História com seus convívios, separaram-se sem despedidas. Por quê? Para purificar seu afeto no fogo da confiança e torná-lo semelhante ao sublime amor que envolve a Trindade Beatíssima.

Ajoelhada junto ao corpo inerte do Bispo de Genebra, Santa Joana suspira no seu íntimo por um derradeiro gesto de paternalidade. A certa altura, toma-lhe com reverência a mão e a coloca sobre sua cabeça e, para surpresa e espanto das religiosas que assistem à cena, ele restitui imediatamente essa manifestação de estima com a doçura que tanto o caracterizara em vida, afagando-a por longos instantes!

Esse fato miraculoso – que alguns afirmam ter ocorrido antes do sepultamento de São Francisco de Sales, em janeiro de 1623, e outros situam em agosto de 1632, quando se exumaram os restos do Santo prelado e o encontraram incorrupto –, ilustra a intensidade do amor que uniu os dois Santos na terra, a ponto de ultrapassar os limites da eternidade.

Menina de espírito forte e vivaz

Jeanne-Françoise Frémyot de Chantal nasceu em Dijon, a 23 de janeiro de 1572, durante o pontificado de São Pio V. Seu pai era o magistrado Bénigne Frémyot e sua mãe Marguerite de Berbisey, a qual faleceu quando a menina tinha apenas dez meses de idade, deixando três filhos sob a tutela do esposo.

Poucas horas depois de vir ao mundo, a pequenina recebeu o Batismo com o nome de Joana, em honra do Bem-Aventurado comemorado naquele dia, São João Esmoler. Anos mais tarde, ao ser ungida com o santo óleo do Crisma, foi-lhe dado o nome de Francisca, em homenagem ao doce *Poverello* de Assis.

À diferença da irmã Margarida, dois anos mais velha, Joana era uma criança muito vivaz. Quando o pai pensava que ela estava empenhada

nos afazeres diários em companhia da governanta, podia-se surpreendê-la correndo pelo estábulo atrás das galinhas, enquanto André, o irmãozinho de apenas três anos, chorava assustado, sentindo-se indefeso diante das travessuras de Joana.

A primogênita demonstrava prazer pela costura, bordado e música, e André pela leitura, Joana preferia montar a cavalo e fazer perguntas ao pai, prendendo-o em filiais discussões. Os parentes chegavam a comentar a falta de feminilidade que notavam nela, achando que isso se devia à ausência da mãe. Entretanto, o pai intuía algo mais profundo nesse modo de ser da filha e por isso a defendia e ressaltava a fortaleza de espírito que ela deixava transparecer nos pequenos gestos do dia a dia.

A sua modéstia, por exemplo, sobressaía quando ela estava entre as meninas da sua idade. À sua humildade uniam-se uma pureza e vigilância combativas, que lhe davam horror a tudo quanto pudesse distanciá-la de Deus, sobretudo as pessoas de má índole. Tinha pelos hereges tal aversão que, ao tomarem-na nos braços para carregá-la, começava a gritar até que a soltassem!

“Assim se queimarão no inferno...”

Entre os episódios que marcaram sua infância, um chama especial atenção por revelar o quanto suas atitudes exteriores eram reflexo de uma inocência que em nada condescendia com o mal.

Certo dia, quando Joana tinha cinco anos de idade, seu pai encontrava-se em casa discutindo com um pastor calvinista, o qual negava explicitamente a Presença Real de Nosso Senhor na Eucaristia. Ao ouvir isto, a menina – que acompanhava a conversa à distância – declarou ao herege,

sem respeito humano e com a determinação de um pregador: “O Senhor Jesus Cristo está presente no Santíssimo Sacramento, porque Ele mesmo o disse. Se pretendeis não aceitar o que Ele falou, fazeis d’Ele um mentiroso”.

Procurando ganhar as boas graças da pequena, o calvinista deu-lhe alguns caramelos. Joana, porém, jogou-os imediatamente no fogo, afirmando: “Assim se queimarão no inferno os hereges que não acreditarem no que Jesus Cristo disse”.¹

“Virtus vulnere virescit”

Nos anos da adolescência, a inocência áurea de Joana recebeu a coloração rubra da provação, ao presenciar a devastação resultante das guerras de religião em sua pátria. Igrejas eram destruídas, viam-se cruzeiros jogadas pelas ruas. Não poucas vezes, a jovem deixou transparecer o quanto sofria ao contemplar esse cenário, derramando discretas lágrimas.

Quando Bénigne Frémyot percebeu haver chegado o momento de a filha constituir família, propôs como partido Christophe de Rabutin, o Barão de Chantal. Ela assentiu com serenidade, por confiar no discernimento paterno.



Francisco Lecaros

Depois de algum tempo a premonição confirmou-se

A Baronesa de Chantal assiste à pregação de São Francisco de Sales Igreja de Notre-Dame, Dijon (França)

“*Virtus vulnere virescit* – a virtude cresce com as feridas”. Este lema, que o Barão de Chantal ostentava em seu brasão de armas, talvez tenha alcançado sua máxima expressividade quando os laços do matrimônio uniram Joana a essa nobre família.

O casal teve quatro filhos, mas, sendo eles ainda pequenos, terminou com uma dolorosa provação: Christophe foi atingido por um tiro acidental durante uma caçada e faleceu alguns dias depois. Joana enfrentou com varonilidade e paz de alma essa dura adversidade que a tornou viúva aos vinte e oito anos de idade.

Afeto materno e castidade de coração

Não demorou muito para que ela tomasse a resolução de não se casar novamente, à semelhança da forte Judite, elogiada nas Sagradas Escrituras: “À coragem juntava a castidade, de tal sorte que nunca em toda a sua vida conheceu outro homem, desde que morreu Manassés, seu marido” (Jd 16, 22). Fez então voto de castidade, tomando Nosso Senhor Jesus Cristo como seu Esposo.

Joana se desfez de numerosos pertences e doou grande parte de sua riqueza aos pobres, passando a viver quase como uma religiosa dentro do castelo. Em lugar de participar nas festas sociais que a sua nobre condição lhe oferecia, ocupava o tempo cuidando dos filhos e desdobrando-se em atenções aos criados e camponeses. Todos os prazeres que preenchiam o cotidiano de uma dama francesa do início do século XVII foram rejeitados por ela e substituídos pela oração e prática da caridade.

A beleza física da jovem viúva não era mais ressaltada com ornatos e joias, mas com o afeto materno unido à castidade de coração. O seu

semblante se tornara um espelho límpido do seu interior. No entanto, para sua provação, isso moveu o zelo paterno à procura de outro pretendente.

Desde toda a eternidade, porém, a Providência reservara a Joana de Chantal um par muito diferente do imaginado por Bénigne Frémyot. Não era na corte que ela o encontraria, mas sim no púlpito... O pai não soubera compreender os anseios da filha, que fielmente deixava-se guiar pelo sopro do Espírito Santo.

Unidos por um vínculo todo sobrenatural

Certa ocasião em que retornava da casa de uma amiga, Joana teve uma visão mística. Apareceu-lhe a figura de um clérigo que portava batina preta, sobrepeliz branca e na cabeça um barrete, como se fosse subir ao púlpito para pregar. A cena permaneceu em sua mente até ela chegar ao castelo, junto com as seguintes palavras: “Eis o homem amado por Deus e pelos homens, em cujas mãos deves depositar a tua consciência”.² Em seguida a visão

se desfez, mas foi o suficiente para preencher-lhe a alma com uma suave alegria.

Depois de algum tempo a premonição confirmou-se: aquele mesmo eclesiástico contemplado por ela aparecia no púlpito de Dijon. Tratava-se do Bispo de Genebra, Francisco de Sales, que viera pregar durante a Quaresma. A baronesa estava na primeira fileira, bem à frente do Santo. As palavras dele ressoaram no mais fundo de sua alma, enquanto uma certeza a levava a repetir interiormente: “É ele, é ele!”

Passados alguns dias, São Francisco procurou André Frémyot, Arcebispo de Bourges e irmão de Joana, para perguntar-lhe sobre a distinta senhora trajada de luto que escutava o sermão com tanta atenção, sempre do mesmo lugar. O prelado respondeu-lhe que era sua irmã, a qual estava ansiosa por conhecer de perto o insigne pregador. Foi assim que se iniciou o puríssimo convívio entre Joana de Chantal e Francisco de Sales, e que conduziu essas duas almas tão distintas, mas tão unidas no plano sobrenatural, a juntas fun-

darem a Ordem das Filhas da Visitação de Santa Maria.

Nova forma de convívio entre os filhos da luz

A santa amizade que então se estabeleceu entre ambos nos remete às sublimidades da união existente entre os Bem-Aventurados no Céu, toda feita de afeto puríssimo e caloroso. Assim escrevia São Francisco de Sales a Santa Joana, num bilhete: “Ao que parece, foi Deus que me deu a vós. Cada vez estou mais convencido disso. No momento, tudo o que vos posso dizer é: recomendai-me a vosso Anjo da Guarda”.³

Mais tarde, ponderou ele em outra missiva o precioso quilate desse relacionamento espiritual: “Essa amizade é mais branca do que a neve, mais pura do que o Sol; é por isso que não lhe dei rédeas... deixando-a correr à vontade”.⁴

São Francisco de Sales “sentia-se de tal forma unido à sua correspondente que fez desaparecer de sua língua todas as palavras que indicassem qualquer distinção. Chegava a falar de ‘nosso coração’, que ele via e percebia como ‘sendo único’. Só ‘Aquele que é a unidade por essência’ pôde ‘fundir tão perfeitamente dois espíritos, de tal forma que já não eram senão um só espírito, indivisível, inseparável’. O tom de sua correspondência corria às vezes o risco de causar surpresa. Por exemplo, os afetuosos boas-noites que ele lhe desejava: ‘Boa-noite, minha queridíssima filha, mas boa-noite um milhão de vezes. Conservai-vos assim, sempre doce, e tomai o repouso requerido pelo nosso corpo’”.⁵

Mais do que um nobre sentimento, o amor entre ambos refletia uma nova forma de convívio entre os filhos da luz, pela qual a graça que habita na alma de um se comunica à alma do outro e conduz a um amor a Deus que jamais cada qual atingiria sozinho.



A santa amizade que então se estabeleceu entre ambos nos remete às sublimidades da união existente entre os Bem-Aventurados no Céu

São Francisco de Sales recebendo Santa Joana de Chantal
Igreja de Notre-Dame, Beaune (França)

Cartas sublimes destruídas por prudência

Da parte de Santa Joana, havia uma entrega incondicional a seu pai espiritual: ela recebia as suas missivas com tamanha veneração que, às vezes, se punha de joelhos para lê-las... Em certa ocasião, escreveu-lhe: “Ó meu pai! Quando terei o consolo de falar com Vossa Senhoria Ilustríssima? Pois, em comparação a isto, todo o resto para mim é nada”.⁶ E se o afeto transbordava da alma de São Francisco é porque a santa madre se tornara um receptáculo fiel, que consonava inteiramente com ele, como transparece em outra de suas missivas: “Vede pois, meu Pai, meu débil coração que ponho em vossas mãos, para que lhe apliqueis o remédio conveniente”.⁷

O puríssimo amor entre os dois foi se intensificando até o dia em que a Providência chamou São Francisco de Sales para gozar da visão beatífica. Após sua morte, as cartas de Joana que estavam com o santo Bispo de Genebra foram reenviadas a ela e a prudência da Madre de Chantal levou-a a tomar uma decisão totalmente inesperada: queimá-las!

Assim que suas filhas espirituais souberam dessa determinação tentaram convencê-la de desistir, pois as missivas contribuiriam para a formação de outras almas que almejavam a santidade. Todos os esforços foram em vão!

Conhecendo as más línguas daqueles que invejavam a relação sobrenatural existente entre ambos, Joana julgou conveniente destruí-las, por haver nelas expressões que, tiradas do contexto, poderiam ser mal interpre-

tadas por corações empedernidos... Somente algumas dessas cartas passaram para a História.

Sua missão continua no Céu

A Madre de Chantal não se deixou abalar pela ausência física de São Francisco ao seu lado. Pelo contrário, continuou com energia o apostolado iniciado junto com ele, chegando a fundar em pouco tempo onze mosteiros no Reino da França e no Ducado de Saboia. A maioria das vocações que os povoaram provinham de famílias nobres, que, à semelhança da Fundadora, abandonavam as regalias do mundo para se entregarem ao serviço da Igreja.

Em 1641, quando Madre Joana de Chantal completava sessenta e nove anos de idade, a Ordem da Visitação já possuía oitenta e sete conventos, tendo se estendido também pela Suíça, Polônia e Itália. Nesse ano, após o Capítulo Geral da Ordem, ela despediu-se da comunidade de Anney e partiu para a casa que as visitandinas possuíam em Moulins.

No caminho passou por Paris, onde tinha um encontro marcado com a Rainha Ana de Áustria, a qual desejava muito conversar com ela. Depois fez uma confissão geral com São Vicente de Paulo, que nessa época assumiu a sua direção espiritual.

Ao parar em Nevers sentiu que a sua saúde, já debilitada, começava a piorar, e chegando a Moulins sentiu que estava próxima a sua entrada na eternidade. Depois de receber os últimos Sacramentos, pediu que fossem lidos trechos da vida de alguns Santos. Na mão direita segurava um crucifixo e na esquerda um



Francisco Lecaros

Do Céu, o coração apaixonado de Santa Joana continua a bombear caridade no Corpo Místico de Cristo

Santa Joana de Chantal - Catedral de Saint-Gatien, Tours (França)

círio aceso, em recordação do dia da sua profissão religiosa.

Após repetir três vezes o nome de Jesus, entregou a sua alma a Deus. Era o dia 13 de dezembro de 1641. Suas filhas espirituais lamentaram a perda daquela mãe que para elas representava a Santíssima Virgem, e movidas de enlevo e veneração oscilaram o peito onde encontrava-se escrito o nome de Jesus, símbolo da sua entrega definitiva a Deus.

Desde a eternidade o coração apaixonado da santa baronesa continuaria a sua missão. Pode-se dizer que até hoje ele permanece bombeando caridade no Corpo Místico de Cristo, impedindo que se desfaçam os laços de amor que, nesta terra, unem as almas eleitas ao Céu! ✧

¹ CONTI, IMC, Servilio. *O Santo do dia*. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p.549.

² FERRER HORTET, Eusebio. *Santa Juana de Chantal. Madre y fundadora de las salesas*. Madrid: Palabra, 2009, p.90.

³ SÃO FRANCISCO DE SALES, apud CHAMPAGNE, René. *Francisco de Sales: a paixão pelo outro*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.101.

⁴ Idem, p.106.

⁵ CHAMPAGNE, René. *Francisco de Sales: a paixão pelo outro*. São Paulo: Paulinas, 2003, p.107-108.

⁶ SANTA JOANA DE CHANTAL. Carta VI. In: *Cartas*. Madrid: Ibarra, 1828, v.I, p.11.

⁷ SANTA JOANA DE CHANTAL. Carta XI. In: *Cartas*, op. cit., p.15.

Modelo de confiança heroica!

Aceitar com despreensão e fidelidade os desígnios divinos, apesar de todos os infortúnios, comove o coração de Deus, o primeiro a nos dar exemplo de amor generoso e desinteressado.



Ir. Cecília Grasielle Ramos Levermann, EP

Ao considerarmos a vida dos homens providenciais da História, percebemos ter sido a confiança o denominador comum que marcou a trajetória de todos eles. Assim se deu com os santos patriarcas, os profetas, os juízes, os Apóstolos, as Santas Mulheres, os mártires... enfim, com as inúmeras almas que ao longo dos séculos mantiveram-se fiéis. Àquele que lhes conferira uma vocação especial, consumada na realização de uma promessa.

Podemos afirmar, inclusive, que essa via se abriu com nosso primeiro pai quando, após o pecado original, recebeu o anúncio da vinda de um Redentor. Atravessou ele este penoso vale de lágrimas penitenciando-se por sua falta, sustentado pela esperança de que um dia a promessa de Deus, afinal, se cumpriria. Adão confiou e, em consequência, teve em sua sucessão um filão de almas chamadas a brilhar por uma heroica convicção da vitória, apesar de todos os desmentidos.

Como parte desse enorme caleidoscópio de varões e damas da con-

fiança que surgiram ao longo dos tempos, passaremos a considerar a figura de um personagem do Antigo Testamento que marcou as páginas das Sagradas Escrituras com seu exemplo.

Alma íntegra e fiel

Entre os judeus levados cativos para Nínive pelos assírios, havia um homem justo e temente a Deus, que desde a infância mantivera-se fiel à Lei. Tobit era o nome deste varão de modelar virtude.

Levar uma vida íntegra em meio ao horror do mundo gentio constituía

Para as grandes vocações, não basta ser destemido diante dos homens; é preciso galgar o píncaro do heroísmo, “vencendo” a Deus



Francisco Lecaros

uma prova diante da qual muitos judeus prevaricavam, acabando por ceder ao unanimismo em face do mal. Tobit, contudo, preservou sua alma das depravações dos pagãos que viviam ao seu redor.

Ora, “porque ele conservava com todo o seu coração a lembrança de Deus” (Tb 1, 13), o Altíssimo dispensou-lhe provas de especial proteção: Tobit conquistou certa benevolência do rei assírio e, por isso, possuía na sociedade ninivita maior liberdade. Dela se utilizava para fortalecer, consolar e animar alguns bons que ainda restavam naquelas duras penas do exílio.

Despretenso e “vencedor” de Deus

Despretenso e generoso, dedicava-se aos seus irmãos com solicitude ímpar, sem se preocupar com suas comodidades. Mantinha sempre acesa a esperança de que Deus reuniria em uma nova Jerusalém os deportados de seu povo espalhados pelas nações (cf. Jr 31, 10-40).

Para as grandes vocações, porém, não basta apenas ser destemido

diante dos homens; é preciso galgar o píncaro do heroísmo, “vencendo” a Deus. Sim, porque – ó mistério! – às vezes apraz à Divina Providência fazer-Se “indiferente” à sua própria causa e aparentar ser inimiga daqueles que mais zelosamente lutam por sua glória... Sua verdadeira intenção, entretanto, consiste em promover nestas almas o brilho de uma virtude que Lhe é absolutamente irresistível: a despreensão!

Combater, pois, com perseverança invencível apesar de todos os infortúnios, tendo como único objetivo o triunfo de Deus na terra, comove o Criador, o primeiro a nos dar o exemplo de amor infinito e desinteressado: entregando-nos seu Filho Unigênito, Ele nos resgatou da morte em que jazíamos por nossa própria culpa. A esta prova de despreensão foi submetido Tobit quando, não obstante suas boas obras, tornou-se cego.

Ele, que sempre fizera o bem, recebia como recompensa a perda da visão? Afinal, que mal havia praticado para merecer tamanha desventura? Se não fosse um homem reto e santo, sua atitude ante esse trágico acidente seria de revolta e incomformidade. Quantas e quantas incompreensões de seus mais próximos não devem ter nublado o seu interior!

Só uma alma ornada por uma confiança heroica poderia, diante de tal situação, discernir e aceitar os desígnios do Alto. Tobit soube dar seu “sim” à vontade divina, pois “como havia sempre temido a Deus, desde a sua infância, e guardado seus Mandamentos, ele não se afligiu (nem murmurou) contra Deus por ter sido atingido pela cegueira. Mas perseverou firme

no temor de Deus, e continuou a dar-Lhe graças em todos os dias de sua vida” (Tb 2, 13- 14).

Delicadeza própria às almas desinteressadas

Algum tempo depois, sentindo a morte próxima, Tobit se viu na contingência de preparar seu filho, Tobias, para assumir o encargo de chefe da família. Chamando-o, então, procurou firmar em seu espírito, através de conselhos, tudo o que já havia lhe transmitido pelo exemplo.

Em seguida, mesmo sabendo que corria o risco de falecer sem ter o filho junto a si, incumbiu-o de empreender viagem em busca da devolução de um empréstimo que, após sua morte, proporcionaria certa estabilidade à sua esposa.

Através dessa atitude, característica das almas desinteressadas, Tobit denotou possuir uma imensa delicadeza de espírito e um completo abandono nas mãos da Providência. Além disso, porque soube dar admiráveis provas de abnegação, preocupando-se mais com o bem-estar dos outros do que com o próprio, logo pôde ver os frutos de seu edificante ato de generosidade!

Tendo sua decisão confirmada ao encontrarem um “jovem de belo as-

pecto” (Tb 5, 5), disposto a acompanhar seu filho durante a viagem, Tobit se despediu de Tobias, certo de que dentro de pouco tempo o teria de volta são e salvo.

Iniciava-se assim a aventura de Tobias, que obteria mais tarde muitas vitórias graças à fé rutilante de seu santo pai. Quem sabe se não foi esta certeza inabalável da proteção divina que “obrigou” o próprio Deus a atender Tobit em todos os seus desejos?

Um amargo cálice conduz à vitória

Passado o tempo previsto para o retorno do filho, Tobit começou a inquietar-se: “Por que Tobias tarda

Com o auxílio do Arcanjo São Rafael, que acompanhou Tobias, estava sendo divinamente traçado o futuro de sua família



Tobias e o Anjo, por Davide Ghirlandaio - Metropolitan Museum of Art, Nova York (EUA)
Na página anterior: o Arcanjo São Rafael se revela a Tobias e seus pais
Igreja Sainte-Ségolène, Metz (França)

Reprodução

tanto? Por que se demora longe de seus pais?”

Muitas coisas, porém, ocorreram durante a viagem... Com o auxílio do Arcanjo São Rafael, o “homem de confiança” (Tb 5, 4) que se oferecera para acompanhar Tobias, estava sendo divinamente traçado o futuro de sua família. Enquanto a ele, Tobit, era pedido o tormento da espera, seu filho recebia a Sara como esposa. Juntos venceram de modo magnífico a maldição que sobre ela pesava e se tornaram pais de uma abençoada descendência. Contudo, nada disso lhe estava claro e, por isso, padecia atrozmente com a ausência do filho.

Este é momento do *consummationem est* (cf. Jo 19, 30) dos varões da confiança: após se lançarem nas mãos do Todo-Poderoso certos de que Ele os amparará, têm de sorver o amargo cálice da espera, enquanto o tempo, que lhes perfura o coração, parece desmentir a promessa depositada em sua alma. E ao constatarem seu “fracasso”, depois de arriscarem o tudo pelo tudo, como que “entregam seu espírito” à intervenção divina num novo e mais heroico ato de confiança: “Mesmo diante da não realização de minhas esperanças, eu ainda confio! Deus dará a vitória!”

Consumada a “paixão da confiança”, concretizam-se todos os desejos.

Fim de uma venerável trajetória

Assim ocorreu com Tobit, o qual não só recebeu de volta o valor de seu empréstimo, como teve também sua visão restituída e sua descendência multiplicada. Ao retornar da viagem com o fel de um peixe que São Rafael lhe indicara como remédio, e acompanhado de Sara, sua esposa, Tobias abriu os olhos do pai para contemplar um futuro muito mais glorioso. Por isso, Tobit declara em sua prece:

“Ó minha alma, bendize ao Senhor, porque o Senhor, nosso Deus,



Arcanjo São Rafael com Tobias
Igreja Saint-Sulpice,
Fougères (França)

*É preciso
comprendermos o
valor inestimável
que possui aos olhos
de Deus a confiança
de seus eleitos nas
suas promessas*

livrou Jerusalém de todas as suas tribulações. Feliz serei, se ficar um homem de minha raça para ver o esplendor de Jerusalém: suas portas serão reconstruídas com safiras e esmeraldas, seus muros serão inteiramente de pedras preciosas, suas praças serão pavimentadas de mosaicos e rubis, e em suas ruas cantarão: ‘Aleluia! Bendito seja Deus que te restituiu tal esplendor! Que Ele reine sobre ti eternamente!’” (Tb 13, 19-23).

A venerável trajetória terrena de Tobit encerra-se com a transmissão de sua invencível esperança aos descendentes: “Quando veio a hora de sua morte, chamou à sua presença o seu filho Tobias, com os sete filhos deste e disse-lhes: ‘Está próxima a ruína de Nínive, porque a Palavra de Deus não falha; os nossos irmãos, que foram dispersos para longe da pátria de Israel, voltarão para ela. Todo o seu país deserto será repovoado, e a casa de Deus, que ali foi queimada, será reconstruída. Todos os homens que temem a Deus voltarão novamente para ela e as nações pagãs abandonarão os seus ídolos e virão habitar em Jerusalém, e todos os reis da terra se alegrarão de apresentar suas homenagens ao rei de Israel’” (Tb 14, 5-9).

A Santa Igreja vencerá!

Difícil seria narrar aqui, passo a passo, todo o desenrolar da vida deste personagem, marcada pela sublime proteção do Arcanjo São Rafael. Entretanto, bastam-nos estas considerações para compreendermos o valor inestimável que possui aos olhos de Deus a confiança de seus eleitos nas promessas que Ele, em sua infinita bondade, lhes faz no fundo da alma.

O exemplo de Tobit enche-nos de esperança na vitória da Santa Igreja, sobretudo nestes tempos em que a humanidade está imersa no esquecimento de Deus. Aconteça o que acontecer, a Esposa de Cristo triunfará, porque assim prometeu o Divino Redentor: “As portas do inferno não prevalecerão contra ela!” (Mt 16, 18). E, para que nossa fé não esmoreça diante das provações e desmentidos, fixemos os olhos nos grandes modelos de confiança que estão ao nosso alcance, a fim de podermos contemplar, ainda nesta vida, a Jerusalém Celeste em todo o seu esplendor. ✧

Beleza e fé no Brasil: entre o passado e o presente

É preciso atualizar as paisagens do presente criando obras “esteticamente consagradas”, em harmonia com o exuberante panorama concedido por Deus ao nosso querido Brasil.



Pe. Felipe de Azevedo Ramos, EP

Se beleza é aquilo que agrada ao olhar, conforme afirma São Tomás de Aquino,¹ podemos dizer que o Brasil foi agraciado com um imenso tesouro de encantos naturais.

De fato, o território nacional abriga riquezas inigualáveis. Sob a simbólica égide do Cruzeiro do Sul, estendem-se matas, campinas e sertões, planícies e serrarias, circundados de vastas orlas marítimas salpicadas por ilhas paradisíacas. Nelas habitam uma fauna e uma flora variadíssimas, matizadas por cores quase infinitas...

Não sem razão, muitos portugueses à época do descobrimento cogitavam ter encontrado o Éden, tal era o fascínio que o Novo Mundo lhes

provocava. “Se o Paraíso Terrestre estiver em alguma parte da terra, creio não estar longe daquelas regiões”,² escreveu admirado o navegador italiano Américo Vespúcio em 1502.

A essas maravilhas da natureza, porém, soma-se a arte humana. Esta, quando se une harmoniosamente a um panorama, parece lhe conferir algo de religioso e de sagrado, pois a beleza das obras criadas reflete não apenas a sabedoria e o engenho do artífice, mas também sua fé.

A lição de Veneza

A esse respeito, comenta o filósofo Roger Scruton, recém-falecido, acerca de Veneza: “Quem pode

duvidar, ao visitá-La, que esta generosa flor de esforço estético foi enraizada na fé e regada por lágrimas penitenciais? Certamente, se queremos construir edifícios hoje, devemos prestar atenção à lição de Veneza. Devemos sempre começar com um ato de consagração, para que assim possamos colocar as verdadeiras raízes de uma comunidade”.³

Sim, a arte da proverbial cidade italiana, não apenas na Basílica de São Marcos – cujos “resplendores parecem não ser deste mundo”,⁴ dirá ainda o pensador britânico –, mas em todo o seu conjunto, manifesta algo de divino, de transcendental e de sublime, que nos transporta a realidades supramundanas. Para se encantar com a cidade flutuante,

chamada de “Sereníssima”, basta não ter o coração insensível, como o da Condessa Anna de Noailles que, após aportar em uma de suas margens, exclamou com ares de deboche: “*Trop de beauté!* – É beleza demais!”

Na realidade, aquela dama francesa se enganava profundamente, pois uma das características fundamentais da beleza é a proporcionalidade: nela não há exageros. Unido ao esplendor, o belo nos encanta e nos inspira, para por fim nos confortar e nos elevar aos mais altos páramos.

O exemplo do Brasil

Nos últimos cinco séculos não faltaram no nosso País o que poderíamos chamar, seguindo a termino-

logia de Scruton, “atos de consagração estéticos”.

A primeira Missa em solo brasileiro – e primevo ato oficial da nação – foi ornada, por certo, com uma cruz rude e tosca, mas compensada por um “altar mui bem arranjado”,⁵ como atesta Vaz de Caminha, que se harmonizava com cânticos litúrgicos entremeados pelos sons das aves nativas e dos murmúrios repousantes do mar.

Mais tarde, o zelo missionário edificou catedrais como a de Olinda, em Pernambuco, emoldurada pelo azul turquesa do oceano e por palmeiras vicejantes. Já a Igreja de São Francisco de Assis, de Ouro Preto, Minas Gerais, encravada entre vales e montanhas, consagra a obra de Aleijadinho numa atmosfera aconchegante

e plácida, cuja fé exala um bálsamo quase místico. Por fim, não poderíamos omitir o Cristo Redentor no Rio de Janeiro, monumento arquétipo de devoção, com seus braços abertos para acolher os peregrinos e, ao mesmo tempo, enaltecer o cenário feérico que o emoldura.

Ora, retomando a ideia do pensador inglês, podemos nos perguntar: como construir hoje harmonizando beleza e fé?

Olhando para o passado...

Para melhor responder, convém voltarmos os olhos ao passado.

Quando os corajosos monges de outrora erigiam um mosteiro no cume de uma montanha, enfrentando todas as dificuldades que isso supunha, visavam estar “mais

Lucio Cesar Rodrigues Alves



Prefeitura de Olinda (CC 2.0 by-sa)

Gustavo Kralj



JakobVoss (CC 3.0 by-sa)

“Nós moldamos os nossos edifícios, para que depois eles nos moldem”

Vista aérea de Ouro Preto (MG), com a igreja de São Francisco em primeiro plano; Catedral de Olinda (PE); o Grande Canal de Veneza com o Palácio Cavalli-Franchetti em primeiro plano e a Basílica de Santa Maria della Salute, ao fundo; Mont-Saint Michel (França)



É preciso atualizar as paisagens do presente criando obras “esteticamente consagradas”

Pôr do sol na Casa de Formação Thabor, Caieiras (SP)

próximos” de Deus, em todos os sentidos. Sangue, suor e lágrimas regavam o solo daquelas construções religiosas, para dar lugar às núpcias entre a beleza e a fé. Valia a pena o esforço, pois a proximidade com o sobrenatural torna pequeno qualquer sacrifício.

Esses religiosos do medievo guiavam-se implicitamente pelo princípio mais tarde enunciado por Winston Churchill: “Nós moldamos nossos edifícios, para que depois eles nos moldem”. E aplicavam-no com uma visão transcendente e perene. Suas construções estavam destinadas a atrair e formar os corações não apenas da própria geração, mas também das vindouras. Não em vão abadias como a do Mont Saint-Michel, na França, ainda hoje reúnem milhões de visitantes por ano.

Ao contrário do que apregoa a mentalidade “descartável” tão em

voga em nossos dias, um edifício religioso deve ser o protótipo do belo, pois somente o belo é perene, como eterno é o próprio Deus. O feio, por sua vez, é transitório e, por isso mesmo, inútil. Se um prédio nos causa espanto à vista, gera também desconforto e, por conseguinte, ninguém desejará nele morar, precisamente porque “deformaria” a alma.

...a fim de construir o presente

E hoje? Ainda é possível unir, no Brasil, uma arquitetura impregnada de fé e ornada por um belo cenário?

Quem percorre a Serra da Cantareira, ao norte da capital paulista, tem sua atenção chamada pela Basílica de Nossa Senhora do Rosário, dos Arautos do Evangelho, que pretende certamente se embeber das fontes clássicas da arte religiosa, em-

bora com fortes traços de originalidade. Emoldurada pela Mata Atlântica, o edifício sagrado conjuga o maravilhoso, a solenidade e a devoção. Já a Casa Lumen Maris, em Ubatuba, também dos Arautos do Evangelho, desabrocha intrepidamente de uma colina bordeada por algumas das paisagens mais encantadoras do litoral brasileiro.

Pois bem, esses são dois exemplos contemporâneos de como a beleza e a fé não estão ultrapassadas. O patrimônio histórico e a natureza hão de ser preservados, mas é preciso atualizar as paisagens do presente criando obras “esteticamente consagradas”, em harmonia com o exuberante panorama concedido por Deus ao nosso querido Brasil.

A fé para os brasileiros não exige provas. Está proclamada pela natureza e pelos edifícios que por ela foram erguidos. ✧

¹ Cf. SÃO TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. I, q.5, a.4, ad 1.

² VESPÚCIO, Américo. *Mundus Novus*. Carta a Lorenzo di

Pierfrancesco dei Medici. In: *Novo Mundo: as cartas que batizaram a América*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2014, p.10.

³ SCRUTON, Roger. *The Beauty of Belonging*. In: www.plough.com.

⁴ Idem, *ibidem*.

⁵ CAMINHA, Pero Vaz de. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Rio de Janeiro: Agir, 1965, p.52.

“Brilhe sua luz diante dos homens”

Dos incontáveis favores dispensados pela Divina Providência por intercessão de Dona Lucilia, desejo narrar aqui mais alguns, para que, vendo as suas boas obras, os homens glorifiquem a Deus.



Elizabete Fátima Talarico Astorino

Extremamente dadivosa tem sido Dona Lucilia nas suas demonstrações de afeto e compaixão por aqueles que buscam seu auxílio. A tal ponto que, sendo esta nobre dama espelho da bondade e do amor de Maria, pode-se aplicar a ela as palavras de São Bernardo no *Memorare*: os que recorrem à sua proteção, imploram a sua assistência e reclamam o seu socorro não são desamparados.

Isso é o que se depreende dos inúmeros relatos que chegam até nós pelos mais diversos meios. E, a fim de não esconder debaixo do alqueire tão “luciliana” candeia, passo a narrar mais alguns dos incontáveis favores dispensados por Deus através desta sua bondosíssima filha. Desse modo os homens, vendo as suas boas obras, glorificarão o Pai Celeste (cf. Mt 5, 15-16)

“Para Deus nada é impossível!”

Diante de uma enfermidade misteriosa e aparentemente incurável, ocasionada por uma ferida, Dejair Eiterer, de Juiz de Fora (MG), foi aconselhado a pedir o auxílio de Dona

“Foi um tempo muito difícil para mim; tomava morfina de quatro em quatro horas e não sentia qualquer alívio”

Lucilia, a fim de alcançar o restabelecimento de sua saúde:

“Fui em vários especialistas – dermatologista, reumatologista, angiologista, clínico geral... –, mas nenhum deles obteve sucesso. Foi um tempo muito difícil para mim. Tomava morfina de quatro em quatro horas e, mesmo assim, não sentia qualquer alívio.

“O médico responsável pelo meu caso disse que era impossível tomar morfina a cada quatro horas e ainda assim sentir dor. Por isso, conversando com sua equipe, todos concordaram que seria melhor amputar minhas pernas, visto que o tratamento não estava dando certo.

“No dia seguinte à terrível notícia, meu compadre, Expedito Afonso, levou um padre arauto para me fazer uma visita. Durante a conversa, este sacerdote afirmou: ‘O médico disse



João S. Clá Dias / Leandro Souza

Dona Lucília Corrêa de Oliveira, aos 92 anos de idade, fotografada por Mons. João Scognamiglio Clá Dias

que teria que amputar, mas quem é o verdadeiro médico? É Deus! E para Deus nada é impossível!

“Após ter dito isso, o padre abençoou-me e rezou comigo três Ave-Marias. Em seguida, retirou do bolso uma foto de Dona Lucília, de quem eu nunca ouvira falar, e sugeri que rezasse com fé uma Ave-Maria recorrendo à intercessão dela todos os dias”.

“Estava há quase um ano rezando muito e, naquele momento, uma certeza interior surgiu em todos ali presentes de que eu seria curado por intermédio de Dona Lucília”.

“Tudo começou a mudar!”

Logo Dejair confirmou a certeza que levava em seu coração:

“A partir da visita tudo começou a mudar! No dia seguinte chegou o resultado de um exame que identificou qual era a bactéria causadora do problema e descobriu-se que eu estava há um mês tomando a medicação errada. Iniciei a medicação correta e dentro de uma semana a dor começou a aliviar. Teria que fazer outra raspagem, todavia o coágulo que havia em minha perna saiu na hora do

curativo, não sendo necessário efetuar a raspagem. Além disso, não foi preciso realizar enxerto no local das feridas, que fecharam com a utilização de pomada.

“Após cinquenta e cinco dias internado, recebi alta. Como eu ainda não estava andando, saí na cadeira de rodas e o médico que havia dito que iria amputar minhas pernas ficou impressionado com a minha melhora.

“No dia 21 de julho fui dirigindo à sede dos Arautos do Evangelho agradecer a graça alcançada. Eu, que estava em vista de perder as duas pernas

“Naquele momento, uma certeza interior surgiu em todos ali presentes de que eu seria curado por intermédio de Dona Lucília”

e sofria com dores tremendas, já não sinto dor alguma. Desde o dia em que conheci Dona Lucília não deixei de rezar, um dia sequer, uma Ave-Maria agradecendo-lhe e pedindo-lhe que continue a me proteger!”

Um pedido imediatamente atendido

Sérgio Matias, membro consagrado de Fanuel – Rosto de Deus e coordenador da presença missionária dessa comunidade na Arquidiocese de São Paulo, preocupado com o estado de saúde de seu pai, decidiu pedir o auxílio de Dona Lucília e foi prontamente atendido:

“Havia uns quinze dias meu pai vinha sofrendo com um problema na garganta, como se fosse um caroço, algo que o impedia até de respirar de forma correta, pois causava falta de ar. Eu já o levava ao médico, que tinha diagnosticado uma faringite e passado o medicamento. Só que o tempo correu e esse quadro não melhorou. No dia 22 de abril deste ano, minha mãe me ligou e avisou que

meu irmão o havia levado ao hospital, porque ele estava pior. Imediatamente entrei em contato com meu irmão por telefone – ele estava ainda no hospital com meu pai –, [e ele disse que] a médica que o examinara tinha pedido uma tomografia, porque havia uma grande suspeita de ser um tumor na região da traqueia.

“Isso me deixou muito triste, muito preocupado. Meu pai já tem setenta e quatro anos e, apesar de ser um homem ativo, estava com a saúde debilitada por causa de outros problemas. Fiz um contato com o fundador de nossa comunidade, o Sandro Peres, por meio do WhatsApp, e compartilhei com ele o que estava acontecendo. Pedi a intercessão, a oração dele naquele momento. Ele me disse: ‘Olha, hoje os Arautos celebram o aniversário natalício de Dona Lucília; peça sua intercessão diante de uma fotografia dela’ Eu acessei o site dos Arautos do Evangelho e lá tinha uma fotografia de Dona Lucília. E exatamente ao meio-dia, horário de Brasília, eu me coloquei diante da imagem e pedi que aquela valorosa senhora, de grande testemunho cristão e que com certeza estava junto da glória de Deus, pudesse interceder em favor da

saúde do meu pai e que, ao sair o resultado da tomografia, não houvesse



Deajar Eiterer em seu lar, com um quadro de Dona Lucília

“No dia 21 de julho fui dirigindo à sede dos Arautos do Evangelho agradecer a graça alcançada”

nada. Foi este o meu pedido: que não desse absolutamente nada.

“Depois dessa oração, fui até o hospital e aguardei ali o resultado da tomografia, que saiu por volta das dezesseis horas. A médica disse: ‘Olhe, seu pai não tem nada. Nem nos pulmões, muito menos na região da traqueia. Isso pode ser algo simples, de origem estomacal’. E no mesmo dia meu pai voltou para casa”.

“Pela intercessão de Dona Lucília eu alcancei esta graça”

Agradecido pelo favor recebido, Sérgio Matias acrescenta:

“Eu estou dizendo isso porque nós temos fé, a fé que recebemos da Igreja, a fé nos Santos da Igreja, naqueles que foram elevados aos altares, mas também naqueles que em vida realizaram uma grande obra pelo Evangelho e morreram em estado de santidade. Estas pessoas com certeza estão junto a Deus e elas também têm um grande poder de intercessão.

“Por isso eu creio que, pela intercessão de Dona Lucília, no dia 22 de abril o meu pai foi tocado e o que havia nele não existe mais, porque Deus, pela sua infinita misericórdia e em nome de Jesus, realizou uma

Dona Lucília

Uma biografia de Dona Lucília Ribeiro dos Santos Corrêa de Oliveira, escrita por Mons. João Scognamiglio Clá Dias, EP, e editada pela *Libreria Editrice Vaticana*.
Preço: 15€ (portes de envio incluídos)

Pedidos pela internet: pedidos@custodiosdemaria.pt ou pelo telefone 212338950

Em seu sorriso, as luzes do crepúsculo e da aurora



João S. Clá Dias

Envolve e nobre, expressão de profunda delicadeza, presente às vezes até mesmo na dor, esplêndido complemento de seu olhar, era sem dúvida seu sorriso. Transparecendo nele a conexão das virtudes de que fala São Tomás de Aquino, era marcado, simultânea e discretamente, por uma tristeza cheia de resignação e por uma temperante alegria. Tristeza que com frequência chegava ao extremo; alegria que poderia por vezes ser intensa.

As tênues e belas luzes do crepúsculo e da aurora estavam sempre unidas em seu sorriso.

As alternâncias harmônicas deste contribuíam para o gracioso da fisionomia, que tão bem refletia o interior de uma alma preponderantemente voltada a fazer bem a todos.

Extraído de: CLÁ DIAS, EP,
João Scognamiglio. *Dona Lucília*.
Città del Vaticano: Libreria Editrice
Vaticana, 2013, p.643

obra na vida do meu pai. Temos ainda alguns exames para fazer, mas eu sei que pela intercessão dos Santos – e agora para mim, de forma muito particular, pela intercessão de Dona Lucília – nada há de acontecer com o meu pai.

“Quero agradecer a todos aqueles que compartilharam comigo essa missão, ao nosso fundador, que é devoto de muitos Santos, que ama a obra do Dr. Plínio Corrêa de Oliveira e que me aconselhou a recorrer a esta venerável senhora, a qual morreu em odor de santidade e está junto da glória de Deus, porque pela sua intercessão eu alcancei esta graça”.

Súplica de um coração necessitado

Também Amauri Valentin, de Vila Velha (ES), após ter conhecimento da história de Dona Lucília, recorreu à sua intercessão e obteve em pouco tempo a graça que havia alguns anos esperava alcançar:

“A minha família vinha passando por um momento delicado em questão de herança. Estava tendo muita briga e nós precisávamos tomar uma decisão importante, mas havia membros da família em desacordo com o passo que devíamos dar. Naquela noite eu rezei o Terço pedindo a intercessão de Dona Lucília.

“No mesmo dia em que eu a conheci, tentei conversar com ela em meu pensamento: ‘A senhora, que é mãe, que é mulher também, entre no coração das minhas tias, que são mulheres, se entenda com elas e nos obtenha essa graça’. Então eu adormeci...

“Acordei por volta das nove horas da manhã e recebi um telefonema do meu tio dizendo que as minhas duas tias tinham aceitado dar o passo para nós solucionarmos esse problema que minha família vinha passando havia três ou quatro anos.

“Com uma oração do Terço, com a devoção a Dona Lucília, eu consegui esta graça. Foi um pedido de co-

ração, de um necessitado, e eu recebi. Desde então estou apaixonado, tanto por ela quanto pelo Plínio”.

* * *

Assim, da eternidade Dona Lucília tem feito luzir de modo especial seu desvelo e maternal proteção a todos aqueles que a procuram, necessitados de um auxílio. ✨

“Eu creio que, pela intercessão de Dona Lucília, no dia 22 de abril o meu pai foi tocado e o que havia nele não existe mais”



Captura do vídeo gravado por Sérgio Matias narrando a graça alcançada



“Quarentena, Fé e Caridade”

No momento em que inúmeras famílias afetadas pelos efeitos da pandemia passam por dificuldades, os Arautos do Evangelho, impelidos pela sua Fé, procuram praticar a virtude da caridade, através de uma ampla campanha de âmbito nacional destinada a auxiliar todos os necessitados.

Percorrendo a Serra da Cantareira

Mais de 70 toneladas de alimentos e artigos de primeira necessidade já foram angariados e distribuídos. A meta, porém, não é levar apenas auxílio material, mas fazer sentir de algum modo o calor fraternal àqueles que recebem os mantimentos. Se somos irmãos em Cristo, devemos demonstrá-lo com nossos atos.

Boa parte dos artigos arrecadados pela Campanha “Quarentena, Fé e Caridade” foram distribuídos nas comunidades rurais da Serra da Cantareira, onde os Arautos possuem diversas casas e exercem intensa ação pastoral. Durante os meses de abril e maio missionários da Associação visitaram lares e vilas para entregar alimentos e itens básicos de higiene.

Esforço unânime em todo o Brasil

Iniciativas semelhantes foram desenvolvidas por todas as casas espalhadas pelo nosso imenso Brasil. Em Ponta Grossa (PR) e Vitória (ES) foram distribuídos alimentos em paróquias; terciários visitaram famílias carentes em Boicaiúva (MG); comunidades rurais de Ubatuba (SP) foram beneficiadas com cestas básicas; e em Joinville (SC) foram entregues cobertores para a AJIDEVI, entidade local que visa a integração dos deficientes visuais.

Já em Fortaleza, capital do Ceará, houve doação de mantimentos para crianças com câncer do Lar Amigos de Jesus; cestas básicas foram ofertadas no Recife a Paróquias como a de São Gonçalo do Amarante. O mesmo foi feito em vários outros lugares do Brasil, como Montes Claros (MG), Campos dos Goytacazes (RJ), Castanhal (PA) e Rio de Janeiro, cidade onde já foram distribuídas duas toneladas e meia de alimentos.

O esforço, em suma, foi intenso e entusiasmado, pois, como afirma o coordenador da campanha, Pe. Alex Barbosa de Brito, EP: “a caridade deve ser real e não virtual”. ✧





Ubatuba (SP)



Montes Claros (MG)



Rio de Janeiro



Bocaiúva (MG)



Maringá (PR)



Fortaleza



Ponta Grossa (PR)



Campos (RJ)



Recife



Joinville (SC)



Piraquara (PR)



Castanhal (PA)

Fotos: Arautos do Evangelho



Fotos: Roberto Salas Vargas

Guatemala – Missionários arautos procuraram dar assistência aos mais afetados pela pandemia. Para isso, percorreram diversos bairros e aldeias nas redondezas de Cidade da Guatemala. Nas fotos, distribuição de alimentos no assentamento Santo Domingo, município de El Tuerto.



Fotos: Ivan Terrel e Leo Saballos

El Salvador – No dia 28 de maio, os moradores da Comunidade Guadalupe, próxima ao local onde está sendo construído o novo Centro de Espiritualidade Virgem de Fátima, foram beneficiados com produtos de primeira necessidade angariados pelos Arautos de Evangelho.



Tiago Galvão

Itália – Em Mira, próxima a Veneza, também não faltaram famílias às quais auxiliar com produtos de primeira necessidade.



Numo Moura

Portugal – A comunidade vicentina de Nogueira (Braga) foi uma das beneficiadas com os mantimentos recolhidos pela campanha empreendida pelos Arautos.



Fotos: Eric Salas

Madri – No dia 29 de junho, o Cardeal Carlos Osoro Sierra presidiu a Missa celebrada pelo descanso eterno do Pe. Pedro Paulo de Figueiredo, EP, na Paróquia da Imaculada Conceição. Originário do Brasil, o Pe. Pedro Paulo era superior dos Arautos na Espanha, país onde exerceu seu apostolado desde a década de 1960.



Fotos: Eric Salas

Sevilla la Nueva – Mais de 80 pessoas realizaram sua solene consagração a Maria Santíssima nos dias 20 e 21 de junho, na Casa dos Arautos do Evangelho em Sevilla la Nueva, perto de Madri, durante Celebrações Eucarísticas presididas pelo Pe. Michael Joseph Carlson, EP.



José Alberto Rugeles

Toledo – Grande número de artigos de primeira necessidade foram entregues às famílias carentes de diversas paróquias da província de Toledo para ajudar a amenizar os efeitos da pandemia. Nas fotos, entrega de alimentos na Paróquia Santa María la Mayor, de Consuegra.



Cardeal Besungu: cada um terá de prestar contas pelo que fez

O Cardeal Fridolin Ambongo Besungu, OFM Cap, Arcebispo de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, presidiu uma Santa Missa por ocasião do aniversário de sessenta anos da independência do país.

Durante o sermão o purpurado recordou que, apesar de ter sido conquistada com muito sacrifício, a independência do Congo esteve marcada pelo desejo que os congolese nutriam de assumir “lugares brancos” para desfrutar de seus benefícios. “Enquanto outros refletiam sobre o significado da independência e preparavam as pessoas para suas consequências, nós, no Congo, sonhávamos com a independência com

emoção, paixão, irracionalidade”, afirmou.

Para ele, o exercício da autoridade no país era visto pelo povo como um modo de “ganhar poder, não para servir a quem está sob sua responsabilidade, mas para ter os privilégios dos brancos. Mas estes, enquanto ocupavam suas cadeiras, não estavam apenas se divertindo. Eles também trabalharam. Entenderam o significado do seu trabalho. Por outro lado, nós deixamos de lado a ideia do serviço aos outros e enfatizamos o prazer”.

Concluindo sua homília, o Cardeal Besungu recordou que “cada um de nós terá de prestar contas diante de Deus: ‘o que fizeste com teu país?’ Esta será a pergunta que nos fará a Corte Suprema”.

Incêndio em Nantes: foi danificado um símbolo da nossa Fé

A Conferência Episcopal da França publicou um comunicado sobre o incêndio da Catedral de Nantes, ocorrido no dia 18 de julho, no qual ressaltou que, após “o incêndio de Notre-Dame em Paris, em abril de 2019, e o desta mesma Catedral de Nantes em 1972, não é apenas

uma parte do patrimônio religioso que é destruído, mas também um símbolo da Fé Católica que é danificado, ferindo o coração de todos aqueles para os quais esses edifícios são lugares de oração, abrigos espirituais, pontos de referência para sua fé”.

Nessa dramática conjuntura, os prelados franceses enfatizam a necessidade de os fiéis se unirem em oração, em apoio aos católicos de Nantes.

No dia da ocorrência, os bombeiros constataram que havia três focos de incêndio, estando o principal deles localizado próximo ao órgão da igreja, cuja perda foi completa. Construído por Girardet em 1620, o instrumento havia resistido aos ataques da Revolução Francesa, aos bombardeios durante a Segunda Guerra Mundial e ao incêndio de 1972, mais grave do que este de 2020. “É impressionante, é uma perda inestimável”, lamentou o Pe. François Renaud, administrador diocesano.

De janeiro a março de 2019, a Conferência Episcopal da França relatou 228 “atos violentos anticristãos”. Já a polícia francesa confirmou que no ano de 2018 ocorreram 129 roubos e 877 incidentes de

Igreja histórica da Califórnia é elevada a basílica menor

No dia da festa do padroeiro, 15 de julho, a Missão São Boaventura, na Califórnia, foi elevada à categoria de basílica menor, tornando-se a primeira na região. O Arcebispo de Los Angeles e Presidente da Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos, Dom José Horacio Gómez Velasco, comunicou a decisão, que atende a um pedido feito seis anos atrás pelo pároco da missão, Pe. Thomas Elewaut, à Congre-



gação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos.

Fundada em 31 de março de 1782, a Missão São Boaventura foi a nona e última criada por São Junípero Serra. Sua igreja é a segunda mais antiga dos três condados abrangidos pela arquidiocese: Los Angeles, Ventura e Santa Bárbara. Na Arquidiocese de Los Angeles, a maior dos Estados Unidos, há aproximadamente cinco milhões de católicos.

vandalismo em locais católicos, principalmente igrejas e cemitérios. Esses tipos de atentados quadruplicaram de 2008 a 2019. Apesar de a França ter sofrido mais ataques do que qualquer outro país da Europa, os números estão aumentando em todo o continente.

Mais igrejas vandalizadas nos Estados Unidos

Uma série de templos católicos localizados nos Estados Unidos, desde a Flórida até a Califórnia, foram incendiados e vandalizados durante este último mês de julho.

A polícia investiga a possibilidade de esses atos criminosos estarem relacionados com os protestos organizados pelo movimento Black Lives Matter, em vários dos quais têm sido derrubadas estátuas de Cristóvão Colombo ou de São Junípero Serra. Shaun King, um dos adeptos do movimento, chega a pregar que sejam demolidas todas as imagens que representam Nosso Senhor Jesus Cristo como um “europeu branco” pois, segundo afirma, trata-se de uma forma de “supremacia branca” e “propaganda racista”.

Na Flórida, por exemplo, um homem ateou fogo ao saguão da Igreja Rainha da Paz enquanto se faziam os preparativos para a Missa da manhã,

no dia 11 de julho. Após ter sido preso por tentativa de homicídio, incêndio criminoso e outras acusações, o culpado, Steven Anthony Shields, declarou aos investigadores que seu ato foi “incrível” e que ele estava em uma “missão”. Felizmente, o templo católico sofreu poucos danos.

Já a Igreja de São Gabriel, na Califórnia, ficou quase completamente destruída após outro incêndio ocorrido neste mesmo dia. Duas imagens de Nossa Senhora também foram vandalizadas e incendiadas entre os dias 10 e 11 de julho.



Gaudiumpress

Religiosas beneditinas mantêm a Adoração Perpétua em Montmartre

Iniciada no dia 1º de agosto de 1885, a Adoração ao Santíssimo Sacramento na Basílica do Sacré-Cœur, em Montmartre, França, jamais cessou. “Mesmo durante o bombardeio de 1944, a Adoração Eucarística não parou”, explica para o jornal *La Croix* a Ir. Marie-Agathe,

das Beneditinas do Sagrado Coração de Jesus.

Na atual situação, em que a basílica se encontra fechada ao público, as religiosas dessa congregação revezam-se dia e noite para garantir que haja sempre alguém guardando Nosso Senhor Sacramentado. “Sendo as únicas que podem entrar atualmente na basílica, cabe a nós continuar a Adoração Perpétua”. E acrescenta: “Dar seguimento a esta cadeia de oração é a nossa primeira missão. O desafio é mantê-la, no momento, com apenas quatorze pessoas”.

No topo da cúpula mais alta da Basílica do Sacré-Cœur, uma lanterna está permanentemente acesa, testemunhando a perpetuidade do sublime ato de culto ali praticado. “É um sinal de comunhão para os parisienses, uma presença de continuidade na oração. Se a oração for interrompida, esta lanterna deve ser apagada. Nossa missão durante o confinamento consiste em garantir que ela não se extinga”, conclui a religiosa.

Apesar de a maioria das igrejas francesas permanecerem abertas, a Basílica do Sacré-Cœur, um dos pontos mais visitados na capital francesa depois da Catedral de Notre-Dame, está fechada desde o dia 17 de março.

GAUDIUMPRESS
A primeira agência de notícias católicas do Brasil

• Portuguese • Spanish • English

• Notícias • Opinião • Vídeos • Imagens

Notícias do Brasil e do mundo

Faça sua assinatura gratuitamente em **gaudiumpress.org**

- 30 dias com o Papa
- Mundo
- Opinião
- Roma
- Espiritualidade

Registre o nosso número +55 11 988051031
ENVIE UMA MENSAGEM E RECEBA NOTÍCIAS



O burrinho empacado

Quando Sofia fechou a porta, Da. Jacinta chorou copiosamente. Lá se tinham ido os últimos grãos de arroz, único alimento da casa e sustento da família... E agora? De onde esperar um socorro?



Ir. Diana Milena Devia Burbano, EP

Um misto de alvoroço e alegria reinava por todo o lugar. Cada aldeão queria ter sua casa em perfeita ordem e limpeza para a chegada dos pregadores, enquanto as crianças divertiam-se enfeitando as árvores com fitinhas coloridas. Assim, ano após ano, a pequena aldeia perdida no meio das montanhas se revestia de júbilo, a fim de acolher com pompa a semana de missões em que as procissões em honra da Santíssima Virgem, as pregações e Missas renovavam a piedade e devoção dos habitantes do local.

Observando a movimentação pela janela, Da. Jacinta deixou escapar um profundo suspiro, cheio de saudade e tristeza. Não podia esquecer-se dos bons tempos em que ela mesma comandava os preparativos em sua rua... Agora, porém, os anos de lutas e trabalhos haviam desgastado tanto sua saúde que lhe era impossível, sequer, sair de casa. Desde que seu marido falecera, vítima de uma

terrível epidemia, tinha ela trabalhado sem tréguas a fim de conseguir não só o seu sustento, mas também o de sua sobrinha de nove anos, a pequena Sofia, que também perdera os pais naqueles fatídicos dias. Tratava-se de uma encantadora criança, cujo coração, acrisolado pelo sofrimento, tornara-se generoso e resignado em face às maiores dificuldades. Estas, porém, pareciam nunca terminar...

Deixando suas nostálgicas recordações, Da. Jacinta deu uma olhada pelo interior de sua residência: alguns móveis desgastados pelo tempo, duas ou três painéis penduradas na parede – empoeiradas pela falta de uso – uma velha mesa cercada com banquinhos desiguais e duas modestas camas. O único alimento que lhes sobrava para viver era um pouco de arroz, que provavelmente acabaria no jantar dessa mesma noite. “Bom” – pensou consigo a pobre mulher – “não nos resta nada, a não ser a confiança em Deus e em sua Mãe Santíssima...” Nos momentos mais difíceis de sua vida, ela

sempre rezara e nunca tinha sido desamparada pela Providência. Mas agora encontrava-se numa situação desesperadora. De onde lhe viria auxílio? Pensava nisto, quando a alegre Sofia interrompeu suas cogitações:

— Querida tia, boa tarde! Trouxe-lhe um presente para o nosso altazinho!

E, oferecendo-lhe um buquê de florzinhas do campo – um pouco murchas pelo calor –, deu-lhe um forte abraço. Nesse momento, Da. Jacinta concluiu: Deus não abandonaria aquele coração tão puro e generoso.

Três fortes batidas na porta cortaram novamente o fio de seus pensamentos... quem poderia ser? Abrindo a porta, deparou-se com um frade de aspecto venerável:

— Boa tarde, minha senhora! Estamos coletando alimentos para os mais necessitados. Distribuiremos cestas com as doações no encerramento das missões. A senhora teria como contribuir?

— Oh, não... perdão reve-
rendo, nós somos pobres tam-
bém e não possuímos nada para
dar...

— O quê?! – interrompeu a
menina – Mentir é pecado, tia!
Temos sim, a senhora esqueceu
do saco de arroz?

E, sem que sua tia tivesse
tempo de se manifestar a res-
peito, Sofia correu para pegar o
pacote que se encontrava quase
vazio.

— Perdão, padre! É pouco,
mas creia-me: é de todo cora-
ção! – disse a pequena ao fazer
a sua simples oferta ao misso-
nário.

Dando-lhe então uma bênção, o
frade agradeceu a generosidade e
continuou sua caminhada.

Da. Jacinta, porém, não pôde con-
ter mais as lágrimas: era demasiado
para ela! Como? Os pobres tinham
lá os frades para ajudá-los; quanto a
elas, quem as ajudaria?

— Não chore, minha tia, vamos
rezar o Rosário e pedir a Nossa Se-
nhora que envie um Anjo para
salvar-nos!

Amargurada, Da. Jacin-
ta aceitou a proposta. Senta-
ram-se, então, junto a uma
imagem da Virgem Maria,
pondo-se em fervorosa ora-
ção.

Enquanto isso acontecia
no lar da pobre Da. Jacin-
ta, no extremo oposto da
aldeia, uma pitoresca cena
se passava...

— Ah, vamos, Paquito!
Anda! Vamos! Vamos!

Em vão Lourenço grita-
va com seu burrico, obsti-
nadamente empacado pelo
excesso de peso posto em
seu dorso. O pobre homem
recebera licença de seu pa-
trão para visitar sua família
na aldeia vizinha e queria
levar consigo um enorme



**Empacado, Paquito não se movia
nem para a frente, nem para trás...**

cesto que dele ganhara, repleto das
mais finas e variadas iguarias.

Entretanto, Paquito não se mo-
via nem para a frente, nem para
trás... Vendo, porém, que não ha-
via outro meio de empreender sua
viagem senão renunciando à ces-
ta, lembrou-se da pequena Sofia, a
quem tinha visto há pouco colhen-
do flores no campo.

Assim, puxou decididamen-
te pelas rédeas o desobediente
burrinho que, parecendo adivi-
nhar suas boas intenções, de-
sempacou em direção à casa de
Da. Jacinta.

Logo, outras três batidas na
porta interromperam a recita-
ção do terço na casa desta hu-
milde senhora.

— É o Anjo! – disse Sofia em
sua inocente confiança.

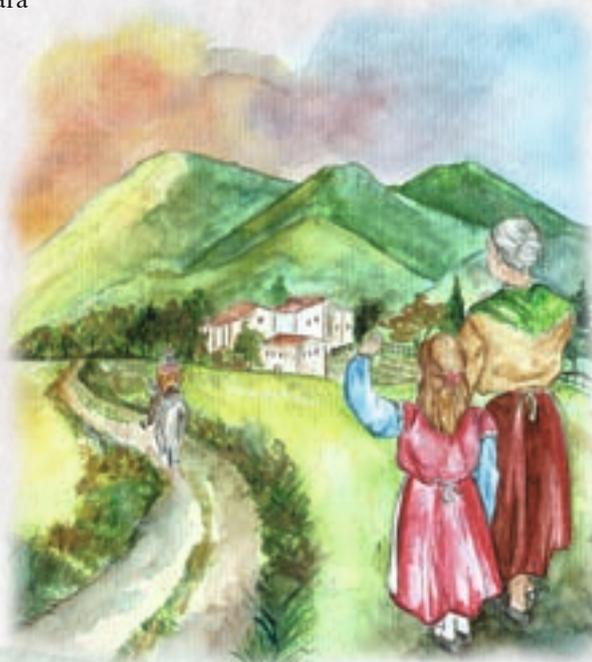
Surpresa, Da. Jacinta foi
atender a porta, enquanto So-
fia assomava sua cabecinha por
entre o avental da tia, temen-
do olhar diretamente para o

Anjo... Mas viu apenas Lourenço,
que em poucas palavras explicou-
lhes o seu desejo – quase necessi-
dade – de entregar-lhes o cesto que
tanto estava atrapalhando a sua via-
gem.

Assim que o visitante colocou o
cesto sobre a mesa da casa, Da. Jacin-
ta desatou num copioso pranto, e So-
fia, pulando cheia de contentamento
ao redor do burrinho, narrou a

Lourenço tudo o que aconte-
cera. Admirado, tanto pela
fé da pequena quanto pelo
misterioso empaque de seu
jumento, pôs-se a chorar
também, por ver que tinha
sido instrumento de Nossa
Senhora, Protetora dos de-
samparados, para remediar
tão triste situação.

Enquanto os últimos
raios de sol tingiam de áu-
reos resplendores as mon-
tanhas da aldeia, Da. Jacin-
ta acompanhava a partida
do bom Lourenço monta-
do em seu burrinho, dan-
do graças a Maria Santíssima:
“Agradeço-Vos, minha
Mãe, pois mais uma vez
comprovastes que Deus ja-
mais desampara quem a Ele
se abandona, ainda que nas
piores circunstâncias!” ✧



**Da. Jacinta e Sofia acompanharam agradecidas
a partida do bom Lourenço**

Ilustrações: Esther Pinales de León

OS SANTOS DE CADA DIA

1. Santo Afonso Maria de Ligório, Bispo e Doutor da Igreja (†1787 Paganani - Itália).

Beato Tomás Welbourne, mártir (†1605). Professor leigo enforcado em York durante o reinado de Jaime I da Inglaterra, por incentivar a fidelidade ao Papa entre seus alunos.

2. XVIII Domingo do Tempo Comum.

Santo Eusébio de Vercelli, Bispo (†371 Vercelli - Itália).

São Pedro Julião Eymard, presbítero (†1868 La Mure - França).

Beato Justino Maria Russo-lillo, presbítero (†1955). Sacerdote de Nápoles e fundador da Sociedade das Divinas Vocações.

3. Santo Eufrônio, Bispo (†c. 475). Edificou em Autun, França, uma basílica em honra a São Sinforianos.

4. São João Maria Vianney, presbítero (†1859 Ars-sur-Formans - França).

Santo Aristarco. Discípulo de São Paulo, fiel companheiro em suas viagens e na prisão em Roma.

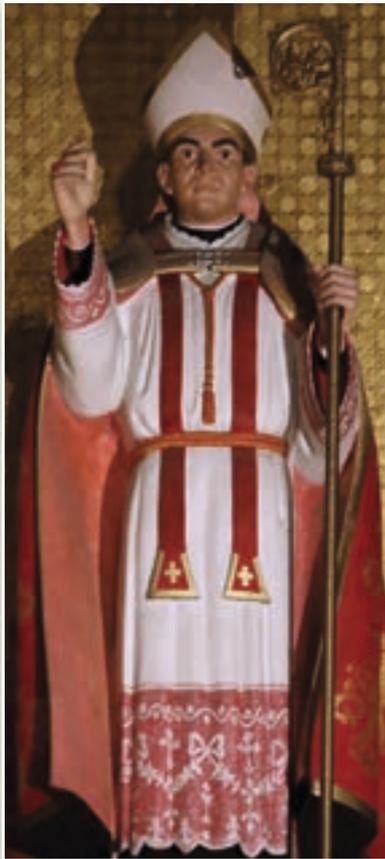
5. Dedicção da Basílica de Santa Maria Maior.

Santo Emídio, Bispo e mártir (†séc. IV). Nomeado Bispo de Ascoli, Itália, converteu inúmeros pagãos.

6. Transfiguração do Senhor.

São Justo e São Pastor, mártires (†304). Irmãos martirizados na Espanha. Quando ainda meninos, apresentaram-se voluntariamente ao tribunal para professar a fé em Cristo.

7. São Sisto II, Papa, e companheiros, mártires (†258 Roma).



Francisco Lecaros

Beato Florentino Barroso - Catedral de Santa Maria da Assunção, Barbastro (Espanha)

São Caetano de Thiene, presbítero (†1547 Nápoles - Itália).

São Vitório de Rouen, Bispo (†410). Por amor a Cristo, abandonou a carreira militar e evangelizou o norte da França.

8. São Domingos de Gusmão, presbítero (†1221 Bolonha - Itália).

Santo Altmano, Bispo (†1091). Fundou a abadia de Götweig, Áustria.

9. XIX Domingo do Tempo Comum.

Santa Teresa Benedita da Cruz, virgem e mártir (†1942 Auschwitz - Polónia). Padroeira da Europa.

Beato Florentino Asensio Barroso, Bispo e mártir (†1936). Foi preso e fuzilado durante a Guerra Civil espanhola, pouco tempo depois de tomar posse da Diocese de Barbastro.

10. São Lourenço, diácono e mártir (†258 Roma).

Beato João Martorell Soria, presbítero e mártir (†1936). Sacerdote salesiano submetido a torturas e assassinado em Valência Espanha.

11. Santa Clara de Assis, virgem (†1253 Assis - Itália).

Beatos João Sandys (†1586) e **Estevão Rowsham** (†1587), sacerdotes, e **Guilherme Lampley** (†1588), mártires. Mortos na Inglaterra durante o reinado de Isabel I.

12. Santa Joana Francisca de Chantal, religiosa (†1641 Moulins - França).

Beata Vitória Díez y Busto de Molina, virgem e mártir (†1936). Fuzilada durante a Guerra Civil Espanhola, morreu exortando outros católicos ao martírio.

13. Santos Ponciano, Papa, e Hipólito, presbítero, mártires (†c. 236 Sardenha - Itália).

Santa Radegunda, rainha (†587). Rainha dos francos. Ingressou no mosteiro de Santa Cruz de Poitiers, França, ainda em vida do rei Clotário, seu marido.

14. São Maximiliano Maria Kolbe, presbítero e mártir (†1941 Auschwitz - Polónia).

São Marcelo de Apameia, Bispo e mártir (†c. 390). Assassinado nesta cidade da Síria por pagãos enfurecidos, após ter mandado

destruir um templo dedicado a Júpiter.

15. Assunção da Virgem Santa Maria

São Tarcísio, mártir (†c. 257). Por defender a Sagrada Eucaristia que estava prestes a ser profanada pelos gentios, foi apedrejado até a morte, em Roma.

16. XX Domingo do Tempo Comum

Santo Estêvão da Hungria, rei (†1038 Székesfehérvár - Hungria).

Santo Arsácio, eremita (†c. 358). Abandonou o exército romano para dedicar-se à vida de oração e penitência.

17. Santa Beatriz da Silva, virgem e fundadora (†1492 Toledo - Espanha). Nascida em Campo Maior (Portugal), fundou a Ordem da Imaculada Conceição de Nossa Senhora ou Concepcionistas, em 1489.

18. Beato Reinaldo de Concorezzo, Bispo (†1321). Governou com zelo, prudência e caridade a Diocese de Ravena, Itália.

19. São João Eudes, presbítero (†1680 Caen - França).

São Bartolomeu de Simeri, abade (†1130). Eremita nas proximidades do maciço de Sila, Itália, edificou o mosteiro de Santa Maria Nuova Odigitria.

20. São Bernardo de Claraval, abade e Doutor da Igreja (†1153 Langres - França).

São Samuel, profeta. Chamado por Deus ainda criança, foi

juiz de Israel. Ungiu Saul como rei de seu povo e, sendo este infiel, ungiu Davi, de cuja descendência nasceu o Salvador.

21. São Pio X, Papa (†1914 Roma).

Beata Vitória Rasoamanarivo, viúva (†1894). Nascida numa das mais importantes famílias de Madagascar, converteu-se à Fé Católica. Quando os missionários foram expulsos do país, defendeu a Igreja perante o poder público.

22. Nossa Senhora Rainha.

Beato Tiago Bianconi, presbítero (†1301). Religioso dominicano de Bevagna, Itália, onde fundou um convento. Extirpou da Úmbria a seita nicolaísta.

23. XXI Domingo do Tempo Comum.

Santa Rosa de Lima, virgem (†1617 Lima - Peru).

Beato João Bourdon, presbítero e mártir (†1794). Sacerdote capuchinho encarcerado com muitos outros sacerdotes numa galera, durante a Revolução Francesa. Morreu esgotado pelas doenças, enquanto cuidava de seus companheiros de cárcere.

24. São Bartolomeu, Apóstolo.

Santa Emília de Vialar, virgem (†1856). Fundou a Congregação das Irmãs de São José da Aparição, na França.

25. São Luís, rei de França (†1270 Túnis - Tunísia).

São José de Calasanz, presbítero (†1648 Roma).

São Menas de Constantinopla, Bispo (†552). Como Patriarca de Constantinopla, esforçou-se por reparar os danos causados pelos monofisitas e restabelecer a paz religiosa no Oriente.

26. Santa Joana Isabel Bichier des Âges, virgem (†1838). Fundou a Congregação das Filhas da Cruz.

27. Santa Mónica (†387 Óstia - Itália).

São Pêmenes, abade (†séc. IV-V). Anacoreta célebre por seus ensinamentos cheios de sabedoria.

28. Santo Agostinho, Bispo e Doutor da Igreja (†430 Hipona - Argélia).

Santa Florentina, virgem (†séc. VII). Irmã de três Santos: Leandro, Fulgêncio e Isidoro de Sevilha, foi abadesa do mosteiro beneditino de Écija, Espanha.

29. Martírio de São João Batista.

Beata Sancha Szymkowiak, virgem (†1942). Religiosa da Congregação das Filhas de Nossa Senhora das Dores, que se dedicou à assistência aos encarcerados, em Poznań, Polónia.

30. XXII Domingo do Tempo Comum.

Santa Margarida Ward, mártir (†1588). Dama católica condenada à morte e enforcada no reinado de Isabel I, por ter ajudado a um sacerdote.

31. Santo Aristides, apologista (†c. 150). Filósofo insigne pela Fé e pela sabedoria, endereçou ao imperador Adriano uma apologia do Cristianismo.



Os Santos do dia, na internet

Acompanhe *Os Santos de cada dia* em nosso website introduzindo o QR-Code anexo no seu celular. Ali encontrará uma lista de Santos em destaque, artigos relacionados e uma galeria de fotos diferente a cada dia





Celeste sinfonia, admiração angélica

A singular decoração de uma capela gótica francesa nos leva a desejar que os Anjos convivam conosco mais e mais, e que nos façam escutar, de alguma forma, as magníficas melodias por eles executadas no Céu.



Ir. Adriana María Sánchez García, EP

Na sóbria catedral gótica de São Julião, em Le Mans, uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora chama a atenção de quem visita o templo. Mais do que suas esguias paredes, quase completamente revestidas de vitrais, atraem-nos os afrescos de tons laranja e vermelho que ornaram o teto do recinto, contribuindo para criar em seu interior um ambiente cheio de vida.

O artista que pintou essas abóbadas em meados do século XIV optou por recobri-las com ousadas cores, reservando suaves tintas verde-pastel para realçar uma parte das nervuras. E, pairando no meio desse festival de policromia, introduziu as figuras de quarenta e sete Anjos, dispostos em atitudes diversas e vestidos com túnicas rosas, azuis, brancas, verdes ou douradas.

Mas não se trata de Anjos comuns... são músicos! E, se nos detivermos a contemplá-los, encontraremos alguns segurando partituras e cantando, enquanto outros, que portam variados instrumentos, interpretam melodias celestiais.

Nada de mais natural. Se cantar ou tocar instrumentos faz parte do nosso dia a dia quando estamos ale-

gres, a música não poderia faltar no gáudio da visão beatífica, e foi isso o que, certamente, quis representar o artista medieval.

Está bem: no Céu há melodias e os Anjos se encarregam, sem dúvida, de executá-las. Mas como são elas? Haverá alguém capaz de descrevê-las?

São João Bosco, que visitou durante seus famosos “sonhos” o Paraíso Celeste, procurou dar-nos delas alguma noção, não sem grande dificuldade. Em uma de suas conversas noturnas, relata como, estando nos jardins que antecedem o Céu, uma dulcíssima e agradável harmonia chegou-lhe aos ouvidos:

“Escutavam-se cem mil instrumentos, com timbres diversos entre si, enquanto todos os sons possíveis difundiam pelo ar suas ondas sonoras. A estes se uniam os coros dos cantores. Vi então uma multidão de gente que se encontrava naqueles jardins e se regozijava alegre e contente. [...] Cada voz, cada nota, fazia o efeito de mil instrumentos reunidos, todos eles diferentes. Escutavam-se concomitantemente os diversos graus da escala harmônica, desde os mais baixos até os mais altos que se possa imaginar, mas todos em perfeito acorde”.¹

Ora, como pode haver inteira harmonia entre tantos elementos únicos e, portanto, diferentes entre si?

A pergunta tem seu sentido para quem vive neste vale de lágrimas. No Céu, porém, as músicas não são mero fruto da criatividade artística ou de certos dons naturais. Elas dimanam das luzes e virtudes que brilham de modo especial em cada Bem-Aventurado. Este é o motivo pelo qual uma quase infinita diversidade de sons pode se conjugar numa única sinfonia dotada de harmonia perfeita!

Tendo os Bem-Aventurados como principal finalidade a glorificação do Todo-Poderoso, a caridade que os consome reflete-se em suas melodias. Através do timbre de voz e do som singular de cada instrumento celeste são representados aspectos diferentes da grandeza do Altíssimo. E, ao ressoarem todos juntos num concerto eterno, eles não fazem outra coisa senão proclamar, unidos, o conjunto dos predicados do Criador.

De outra parte, se os Anjos expressam sua alegria por meio da música, não entoarão eles um canto inédito cada vez que Deus lhes revela uma maravilha sobre Si mesmo?



Fotos: Plínio Veas

Diversos aspectos das abóbadas da Capela de Notre-Dame-du-Chevet, na Catedral de São Julião, Le Mans (França)

Como será, por exemplo, o hino composto pelos espíritos celestes ao ser-lhes anunciada uma nova verdade, um novo fulgor da Trindade Beatíssima?

Não sabemos, mas é um ponto sobre o qual somos convidados

a meditar ao contemplarmos esta capela.

Peçamos, pois, aos Santos Anjos que convivam conosco mais e mais. E que, além de nos permitirem escutar, já nesta terra, alguma das magníficas melodias do Céu, nos desven-

dem uma pontinha das surpresas que Deus, continuamente, faz conhecer aos seus servidores celestes. ✧

¹ SÃO JOÃO BOSCO. Biografía y escritos. In: *Obras Completas*. 2.ed. Madrid: BAC, 1967, p.618-619.



Padroeira da América Latina

Para que se formasse o imenso bloco de povos católicos que hoje chamamos de América Latina, foi preciso fazer uma enorme obra de evangelização. E resulta curioso ver que Deus não suscitou para isso um grande pregador, mas sim uma mulher dotada de uma missão de caráter universal: Santa Rosa de Lima.

Alma penitente e suplicante, ela fez, no plano da Comunhão dos Santos, o necessário para

salvar a América do seu tempo. Sua fama de santidade percorreu o continente inteiro, dando lugar a inúmeros milagres e conversões. Santa Rosa suscitava em torno de si um espírito de penitência e de mortificação que freou a corrupção dos costumes e criou condições desfavoráveis para a eclosão do mal.

Plínio Corrêa de Oliveira